A LIAHONA

Março de 1966

STEREO

CBS MASTERWORKS

O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, **Dr. Richard P. Condie,** *Diretor*

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente

Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*

Pai Nosso *(The Lord's Prayer)*
Vinde, oh Santos! *(Come, come ye Saints)*
Bem-aventurados os que choram *(Blessed are they that mourn)*
Oh, meu Pai! *(O, my Father)*
Da Côrte Celeste *(How great the wisdom and the love)*
Sanctus, Sanctus, Sanctus *(Holy, Holy, Holy)*
Salmo 148 *(148th Psalm)*
Eis um menino nos nasceu *(For unto us a Child is born)*
As lamentações de Davi *(David's Lamentations)*
Londonderry Air
Vencendo com Jesus *(Battle Hymn of the Republic)*

CBS
MONAURAL - 60098

● Robertson: *Pai Nosso* (*The Lord's Prayer*)
Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons,** de Leroy J. Róbertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitira aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sôbre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi* (*David's Lamentations*)
Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester,** um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), êle nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: (*Arr. de Ralph Baldwin*)
Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes côr-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, êle sentiu que a alma da nação estava tôda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para êste interêsse do que **"Londonderry Air"** — trabalho de muitos campônios, cada qual tendo contribuido com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contôrno melódico sobe três vêzes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, êstes afáveis campônios elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus* (*Holy, Holy, Holy*) (*Sanctus, da Missa Solene*)
A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecilia. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católico-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste* (*How Great the Wisdom and the Love*)
Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado nu'a melodia do Saltério Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sôbre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, tôdas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai!* (*O, My Father*)
Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuia profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinàriamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de rehaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interêsse dêste jovem e talentoso compôsitor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa **obligato** no segundo verso, que soa nostàlgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus* (*Battle Hymn of the Republic*)
De uma experiência estética com as flôres de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultâneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporàriamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amén!"

Notas de *JAY WELCH*
Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" ® Marcas Registradas - Industria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

A LIAHONA

Editôres:
Hélio da Rocha Camargo
Gustav Salik

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Fotógrafos:
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutores:
Isabel Peixoto Gaertner
José Vieira Neto
Merly Pikel
Mirna Teixeira
Tereza Cristina da Rocha Costa

Circulação:
Nilza Guimarães Aoto, (MBS)

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend.*

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelos editôres.

*

A Revista *A Liahona* é o órgão oficial das Missões Brasileiras da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Missão Brasileira: Rua Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, S. Paulo, SP, fone 80-4638. Missão Brasileira do Sul: Rua General Carneiro, 490, C.P. 778, Curitiba PR, fone: 4-8016.

*

PREÇOS:

Exterior: Ano	US$	4.00
Brasil: Ano	Cr$	3.000
Exemplar:	Cr$	300

MARÇO DE 1966 — VOL. XX — N.° 3

Nossa capa: passeio ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. As imponentes palmeiras evidenciam a beleza do local, fazendo-nos lembrar de Gonçalves Dias. Foto pelo Pres. Beck.

Primeiro ano de casamento 6

O primeiro ano de vida em comum, apesar de implicar em vários problemas e inovações, não é algo com que os cônjuges se devem preocupar.

Concurso 20

A oportunidade de você mostrar os seus pendores, podendo tornar-se "importante" na Liahona de julho.

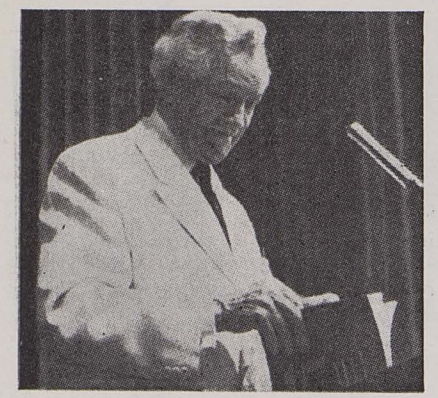
Ciência e religião 26

Um físico, um químico, um médico e um sociólogo mostram que as tão comentadas divergências entre ciência e religião, afinal de contas não existem!...

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Juventude da Promessa 9
Escola Dominical 14
Página Feminina 17
Jóias do Pensamento 19
Genealogia 22
Sacerdócio de Melquisedeque 25
Sociedade de Socorro 32
Meu Cantinho 34
Sacerdócio Aarônico 36
Programa Noite Familiar 37

Mensagem de Inspiração



Presidente David O. McKay

Os Santos dos Últimos Dias

Como santos dos últimos dias, prestamos testemunho ao mundo, de que temos o mesmo evangelho que Jesus e Seus apóstolos pregaram.

Convido os que não são mórmons a deixar de lado os preconceitos de nação e dogmas, para investigar os princípios pregados por esta Igreja. Visitem os lares das pessoas que se uniram a ela e, silenciosa e reverentemente, tomem nota, uma por uma, das verdades que presenciarão; verão que nada há na Igreja de que alguém possa envergonhar-se.

Visitem os lares dos santos dos últimos dias e vejam se encontram alguma coisa que não seja nobre. Vejam o princípio da formação daquele lar, quando o casal, pela primeira vez, ajoelhou-se, de mãos unidas, perante Deus; foi quando os cônjuges sentiram em suas almas a convicção da santidade dos laços que os uniram em matrimônio. O jovem sabia que tomava a espôsa para protegê-la e amá-la, não apenas nesta vida mas por tôda a eternidade. Êsse laço do matrimônio não é algo que possa ser quebrado com uma pequena briga ou dificuldade. Iniciaram essa obrigação como uma das coisas mais sagradas da vida. Foi o comêço dêsse lar.

Depois, visitem o lar dêsse mesmo casal após alguns anos de matrimônio. Tomem parte na oração matinal, no espírito reinante e vejam se não é algo que têm esperado encontrar no lar ideal: a oração da manhã, a bênção do alimento, com as crianças participando, o beijo do pai na espôsa e filhos, ao sair para o trabalho, deixando o "Deus os abençoe" como uma proteção, enquanto estiver ausente; a oração da mãe seguindo o pai, quando êste deixa o lar para o trabalho diário; as crianças aprontando-se para a escola — tudo o que mostra como os pais estão profundamente preocupados com a educação dos filhos e com o desenvolvimento de suas almas. Voltem à tarde: participem da oração, vejam os pequeninos ajoelharem-se perto da mãe; ouçam a oração que sobe de suas almas.

Vejam, se puderem, alguma coisa de amargo; vejam, se puderem, alguma coisa que poderia ferir a sensibilidade de uma mãe. Vejam, se puderem, qualquer coisa que degrade a alma de uma criança. Nada disso poderão encontrar, nem ouvir, num verdadeiro lar santo dos últimos dias. Mas encontrarão tudo o que é nobre — a criancinha orando pelos que estão à sua volta, por aquêles que têm responsabilidade na Igreja ou para com a nação, orando pelo pai, quando está fora, no trabalho. Um lar assim, com muito mais características maravilhosas, além das que mencionei, é o lar de um verdadeiro santo dos últimos dias.

Sigam o marido, ao sair para o trabalho. Quais são suas ambições? E seus objetivos? Se êle seguir os ensinamentos da Igreja, nada poderá afastá-lo dos ca-

minhos da honestidade e honra. Nos negócios, os santos dos últimos dias precisam ser honestos. Nas obrigações sociais, precisam ser puros. Necessitam ser leais para com a nação, ou não serão leais aos princípios de sua religião. Precisam ser honestos em relação a tudo. Nossa gente é quase que universalmente conhecida por sua honestidade e justiça; os santos dos últimos dias serão honestos e leais, se também o forem em relação à Igreja.

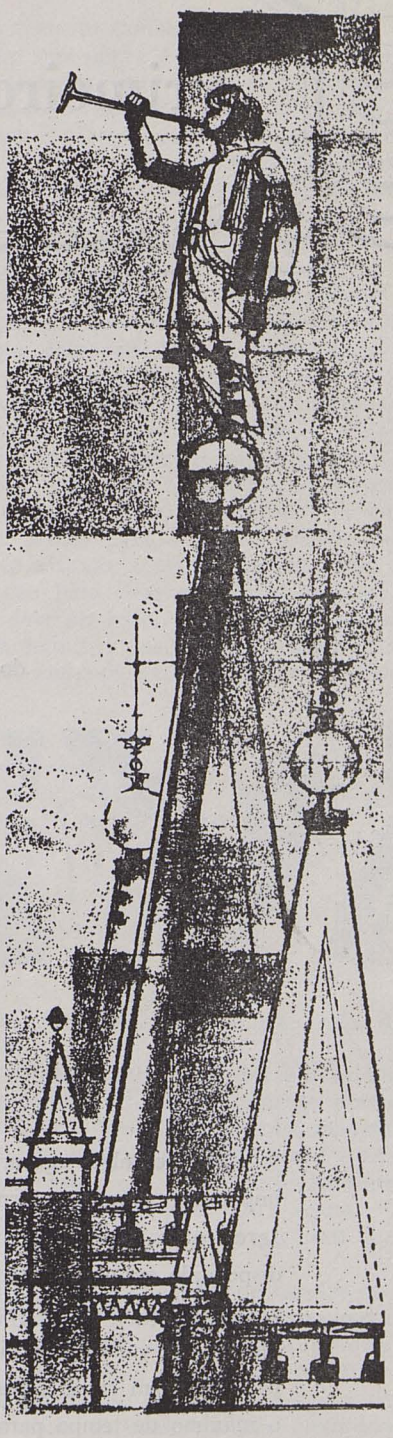
A religião dos santos dos últimos dias os ensina a trabalhar. O preguiçoso não tem lugar entre êles. Dê uma olhada na história da Igreja; volte a mais ou menos um século atrás, quando as Montanhas Rochosas estavam cobertas de arbustos e alí só viviam os índios e coiotes. Pense nos homens e no trabalho que tinham pela frente — a terra a ser arada, os poços a serem escavados, as pontes a serem construídas, as águas a serem trazidas das montanhas, para que a terra fôsse irrigada, quando plantassem as sementes. Pensem nas dificuldades que tinham e vejam se há qualquer coisa na Igreja dos santos dos últimos dias que os ensina a ser preguiçosos. O evangelho nos ensina a trabalhar e os membros de hoje trabalham tanto quanto aquêles que viveram no tempo do pioneirismo.

Um homem não pode ser egoísta e ao mesmo tempo ser membro da Igreja. Simplesmente não pode. É quase tão impossível quanto entrar no Reino de Deus sem batismo. Jesus disse que se não nascermos de nôvo, não poderemos entrar no Reino Celeste; o homem que é um verdadeiro santo dos últimos dias não pode desenvolver o egoísmo dentro de si. Dessa forma não consegue o Espírito de Cristo. Êsse Espírito caracteriza-se pela humildade, pelas bênçãos aos outros; tôda a missão dos santos dos últimos dias é abençoar os outros.

Por isso enviamos missionários ao mundo. Por que motivo um jovem deixa seu lar para ir tão longe? Para abençoar os outros. Êle deseja testar seus sentimentos, seu amor pelos confortos da vida para sair e abençoar os homens, dar-lhes, como Paulo — o evangelho de Jesus. Por que? Porque sente que êste é o poder de Deus para a salvação.

Mas, acima de tudo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias quer a felicidade e a vida eterna do homem. Ensina que Deus é uma Pessoa que nos ama, ouve nossas orações e nos deseja perto d'Êle, para compreendermos as leis como Êle as compreende, a fim de podermos progredir eternamente.

Ensina que Jesus é nosso irmão mais velho, veio a êste mundo, viveu e foi tentado como nós; que venceu o mundo e foi recebido no céu e que, enquanto estava na terra, instituiu o evangelho, o código de leis e princípios pelos quais o homem pode retornar à presença de Deus e viver com Êle eternamente.



Primeiro ano de casamento

Harvey L. Taylor
Vice-diretor
do Sistema Educacional da Igreja

PARTE II (*conclusão*)

Falemos algo, agora, sôbre ajustamento nas tarefas. Isto é particularmente importante para os mórmons, por causa dos vários cargos a desempenhar na Igreja e na comunidade. Algumas decisões deverão ser feitas, quanto ao tempo dispendido em ajudar outras pessoas. Deverão também combinar se irão unir-se a clubes, se tomarão parte em jogos, bailes, festas de caridade, ou se farão muitos dos variados serviços para a Igreja. Creio que a coisa mais importante para o jovem casal, especialmente no primeiro ano de matrimônio, é um dar o máximo de tempo para o outro, estando juntos o maior tempo possível. Se puderem prestar serviços a alguém ou à Igreja e estarem juntos, trabalhando e planejando, será excelente; mas se fôr preciso que um dos dois fique em casa enquanto o outro sai, creio que não será bom.

Os ajustamentos religiosos não devem ser muito difíceis para os jovens santos dos últimos dias, se pensarmos que todos desejam casar-se no templo. Uma das coisas mais importantes a ser decidida, depois do casamento, é fazer orações em casa. Recomendo que comecem o dia com uma oração, desde o primeiro dia de casados. Façam as orações individuais à noite e orem tantas vêzes quantas necessárias para ter o Espírito do Senhor consigo em seu nôvo lar. Nunca iniciem uma refeição que não tenha sido abençoada pelo Senhor.

Durante o primeiro ano de casamento, estabeleça o costume, quando houver doentes em casa, de chamar os élderes da Igreja para administrar a bênção. É meu testemunho que a vinda dos élderes com o Santo Sacerdócio do Senhor trará poder de cura e alívio da dor e muitas vêzes curarão os doentes.

Habituem-se a fazer orações especiais. Peçam ao Pai Celestial que os proteja nos caminhos difíceis; peçam

Suas bênçãos, quando tiverem uma decisão importante a fazer. Estabeleçam êsse modo de agir bem cedo, para que, quando seus filhos tiverem que fazer exames especiais, precisarem de preparação, ou de sair para uma missão perigosa, seja natural ajoelharem-se e pedirem as bênçãos do Senhor para protegê-los e ajudá-los. Posso prestar meu testemunho de que, se assim fizerem, as bênçãos do Senhor virão em grande abundância e receberão coisas que nunca esperariam.

Depois, então, vem a questão do ajustamento social. Eis algumas das coisas que terão de decidir:

1. — Como passar as férias — ficarão em casa ou viajarão?

2. — Que tal as viagens e piqueniques?

3. — Qual será o costume a respeito de festas de aniversário? Haverá bolos e jantares especiais? Darão atenção especial a êsses dias, ou simplesmente passarão despercebidos?

4. — Haverá tradição natalina em seu lar, como celebrarão o Natal, farão árvores e decorações, distribuirão presentes e cartões?

Tôdas estas coisas são importantes; às vêzes, quando a questão é de pouca importância, será melhor que nem um nem outro insista em fazer desta ou daquela maneira; um dos dois terá que ceder.

Além disso, existem muitas diferenças de opiniões e gostos a respeito de recreações. O que fôr recreação para um, deverá ser para o outro. Do mesmo modo que as recreações, os passatempos também devem ser feitos juntos; aprendam a apreciar as coisas juntos. Aprendam a gostar das coisas que o outro gosta e vocês terão bastante entretenimento juntos. Terão que decidir sôbre as questões de férias, o que fazer, onde ir, se levarão os outros consigo, ou não, etc. Tais coisas deverão ser decididas durante o primeiro ano de casados, para que, quando vierem os filhos, o padrão já esteja estabelecido e vocês tenham uma vida já iniciada em direção à felicidade e alegria.

Um ajustamento também importante é o da paternidade. Creio que agora é a hora de os jovens casais começarem a pensar sèriamente sôbre os ajustes que terão de fazer quando tornarem-se pais. Uma das primeiras coisas a pensar é sôbre o período de gravidez da espôsa. Os maridos deverão comprender que êste período é acompanhado por semanas ou talvez meses de doença. Isto é comum na maioria das mulheres, embora algumas, é claro, não tenham tal experiência. Durante êste período o marido deverá ser bastante compreensivo e precisará de bastante auto-contrôle — terá de expressar seu amor mais vêzes que em qualquer outra oportunidade.

Verão que êsse período será de mudança na rotina diária. Sua vida social poderá mudar; as relações físicas entre um e outro terão que mudar; a compreensão deverá aprofundar-se; as afinidades e apreciações terão que tornarem-se mais realistas, principalmente por parte do marido. Êle terá de participar mais da rotina da manutenção da casa. E, é claro, durante êste período, os futuros pais deverão fazer planos para o bebê. Ambos deverão ler juntos sôbre o assunto, e conversar, para que, quando o bebê chegar não haja choques, distúrbios e mêdo a respeito do que deve ser feito. Durante êsse período haverá uma mudança definitiva nas relações sexuais entre marido e mulher. Aconselho-os a conversar com um bom médico,

o qual poderá dar-lhes conselhos que serão de grande ajuda a ambos.

O marido deverá saber que durante êsse período a espôsa fica hipersensível, freqüentemente nervosa, chora fàcilmente, e nunca deve ficar sòzinha quando não fôr necessário, que precisa de atenção especial e muito amor. Deverá também saber que ela sente-se bastante apegada à mãe, mais que em qualquer outra época. O marido deverá, se possível, fazer com que a espôsa passe algum tempo com ela.

Durante a gravidez, a espôsa desenvolve certos temores; receia que o bebê tenha algum defeito, por sua culpa, durante o período pré-natal. Sabemos que tal não acontece. O Bom Senhor pensou nisso quando planejou o processo da procriação.

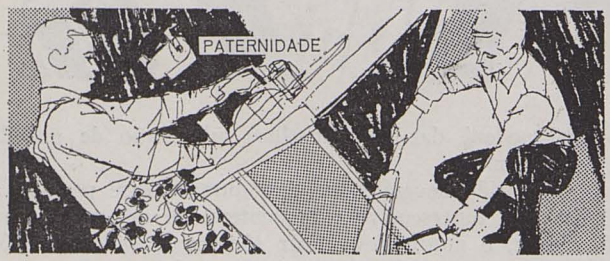
Sugiro a vocês, espôsas, que não usem êsse período para conseguir deliberadamente o que querem do marido. O que vocês necessitam é de amor, carinho e compreensão e isso conseguirão se forem coerentes e razoáveis. É bom lembrar que cada jovem casal está unido a Deus, na parte

criativa, e estão juntos criando o corpo de um indivíduo, para receber o espírito que será enviado diretamente dos céus. Esta é uma tremenda responsabilidade e, se comprendida devidamente, poderá ser uma das mais importantes e agradáveis experiências de sua vida.

Quando o bebê nasce, tanto o pai como a mãe deverão aprender suas necessidades e ajudá-lo a cumprí-las. Os pais deverão compreender que terão, agora, menos tempo do que antes para estarem um com o outro. Deverão estar preparados para passar noites em claro, embora em alguns casos isso não aconteça. Aconselho-os a não ficar em pânico se a criança adoecer. Há sempre um meio de tôdas as coisas voltarem ao normal. As crianças ficam doentes há gerações e sempre ficaram boas. O principal é prever

que tais coisas acontecem; estejam sempre preparados, quando ocorrerem.

É importante, também, comprender os meios pelos quais as crianças serão educadas. É minha opinião que, antes de o bebê nascer, os pais deverão concordar quanto a certos costumes, como por exemplo, se deverão pegá-lo ao colo, quando chorar, se vai dormir sòzinho, se deixarão que os parentes e amigos o segurem. Tais coisas, além da alimentação do bebê e outras relativas a seu crescimento, são muito importantes. Se tal puder ser estudado antes que o bebê nasça, será melhor, para eliminar



muitas dificuldades que poderão alterar a harmonia.

O que tento explicar-lhes, tem como objetivo diminuir ao mínimo os lares em desarmonia. Não quero dar a impressão de que a vida de casados é um paraiso, que não terão desacordos. É impossível pensar que dois jovens fortes, bem educados e bem treinados tenham exatamente o mesmo pensamento e vejam as coisas exatamente da mesma maneira. Não é saudável para o casamento. Deve haver uma diferença de opinião, mas, por outro lado, de maneira a que tais diferenças possam ser resolvidas — sòmente assim vocês poderão esperar viver felizes e bem sucedidos juntos.

Falemos agora algumas palavras sôbre o namôro eterno. Não se aplica apenas ao primeiro ano de matrimônio, mas para tôda a vida de casados. Não há razão para os casais não aprofundarem seu amor com o passar dos anos, em vez de diminuí-lo. Sugiro algumas idéias, para tornarem-se eternos namorados:

1. Realizem jantares juntos.
2. Dancem juntos.
3. Encontrem ocasiões de usar roupas de gala, exatamente como faziam antes do casamento.
4. Mantenham-se encantadores todo o tempo.
5. Especialmente quando os maridos estão fora, devem enviar flôres, cartões ou telefonar às suas espôsas.

Não é necessário que os homens sigam a última sugestão todo o tempo, mas certamente deverão fazê-lo algumas vêzes para que a espôsa não tenha dúvida quanto à segurança e devoção a seu lar e a ela, ou quanto a seu amor e carinho pelo que a espôsa e o lar lhes oferecem.

Acho que é um bom costume trazer presentes quando voltam de uma viagem. Não precisa ser nada caro. Conheço um marido que, cada vez que saía, trazia à sua espôsa um lindo botão de rosa. Era um costume gentil e conservava o amor através dos anos. Êsse é um exemplo que pode ser seguido.

Creio que é ótimo lembrarem dos aniversários de cada um, ou outros dias especiais. É bom lembrar e

visitar lugares que lhes eram caros durante o namôro e noivado. Revivam as experiências que tiveram quando eram mais jovens.

Nunca descuidem de suas aparências. Uma das coisas que destroem a felicidade conjugal e principalmente o desleixo nas roupas, mas também em tôdas as outras coisas, o que lhes dá um "ar de casados." Não há razão para tal; não há desculpas para tal; é simplesmente uma indicação de indiferença. E, a propósito, ao falarmos de indiferença, lembremo-nos que não deve haver, na vida de casados, indiferença em relação a nada. Sua atitude deve ser positiva em relação a tôdas as coisas. Aconselho-os a nunca tornarem-se comuns um para o outro. Sugiro que sempre encontrem surprêsas um no outro.

Sempre achei que não há nada mais bonito nesta vida do que uma adorável espôsa e mãe. Parece-me que nenhum homem ficaria infeliz por ter uma espôsa que pudesse sempre apresentar-se assim. Creio que o modo de que êle faz as coisas, diz ou age, tem muito a ver com o tipo de lar e espôsa que possui.

Presto meu testemunho que a vida conjugal pode ser uma experiência muito rica e maravilhosa. Os casais mais felizes são aquêles que aprenderam a viver juntos tão harmoniosamente e de maneira tão bela que cada um tem a completa oportunidade de deixar transparecer sua própria personalidade.

«Aquêle que tem os Meus mandamentos e os guarda, êsse é o que Me ama; e aquêle que Me ama será amado de Meu Pai, e Eu o amarei e Me manifestarei a êle.»

(João 14:21)

JUVENTUDE DA PROMESSA

Marion D. Hanks,
Elaine Cannon

Uma das gloriosas promessas feitas por Cristo pouco antes de Sua crucificação está registrada em João 14:21. Êsse versículo, especialmente adequado às necessidades de nossa época e geração, foi escolhido para tema da AMM dêste ano. Leiamos novamente a promessa:

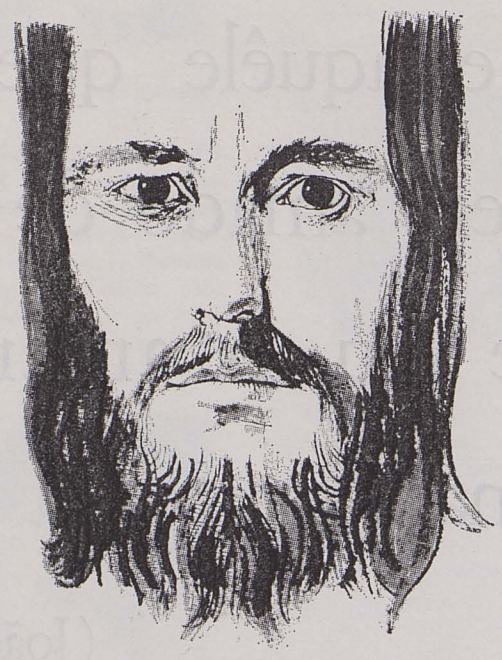
> "...*Aquêle que Me ama será amado de Meu Pai, e Eu o amarei e Me manifestarei a êle.*"

O Senhor explicou a maneira pela qual poderíamos mostrar nosso amor por Êle: "Aquêle que tem os Meus mandamentos e os guarda, êsse é o que Me ama." Também afirmou, "Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos." (V. 15)

Há certas questões que os jovens indagam a respeito dos mandamentos de Deus e qual sua responsabilidade ao obedecê-los. Consideremos as seguintes:

POR QUE SER OBEDIENTE

Presidente Marion D. Hanks



Quais são os mandamentos de Deus?

Os dez mandamentos do Sinai são familiares a todos nós. Vamos lê-los novamente (e sempre que pudermos), em Êxodo, capítulo 20 ou Deuteronômio, capítulo 5. Jesus os resumiu ao jovem rico (Mat. 18:16-21) e respondeu as perguntas desafiantes de um doutor da lei, sôbre os "grandes mandamentos," com Sua declaração magistral:

> "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de tôda a tua alma e de todo o teu pensamento.
> "Êste é o primeiro e grande mandamento.
> "E o segundo, semelhante a êste, é:
> "Amarás o teu próximo como a ti mesmo.
> "Dêstes dois mandamentos depende tôda a lei e os profetas (Mat. 22:35-40).

Outras maravilhosas reafirmações dos mandamentos são encontradas no Livro de Mórmon (Mosiah 13:12-24) e Doutrina e Convênios (59:5-13).

Somos ordenados a obedecer os "primeiros princípios do evangelho (D&C 33:10-14), a viver digna e retamente, a perseverar com firmeza em Cristo, "...tendo esperança e amor a Deus e a todos os homens" (2 Néfi 31:17-21), pagando nossos dízimos e ofertas, dando, servindo e partilhando. Ao obtermos os mandamentos de Deus, devemos aprendê-los e compreendê-los. Esta é a nossa responsabilidade sagrada.

As leis de Deus não são demasiado restritas e negativas?

Os mandamentos de Deus realmente estabelecem limites, mas não limitações. Destinam-se a ser lâmpadas que iluminam o caminho de nossos pés. Clareiam os caminhos por onde devemos andar até conseguirmos a verdadeira felicidade e a salvação eterna. Todos nós precisamos de direção e instrução e, ocasionalmente, também de repreensões.

"Porque o mandamento é uma lâmpada e uma luz; e as repreensões da correção são o caminho da vida." (Prov. 6:23)

O Apóstolo Paulo sumarizou os mandamentos com esta maravilhosa declaração:

"... e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." (Rom. 13:9)

O que acontece quando ignoramos ou desobedecemos os mandamentos?

Em certo exemplo notável está escrito que o pecador,

"... é falto de entendimento; quem peca destrói sua alma.

"Achará castigo e vilipêndio e o seu opróbio nunca se apagará." (Prov. 6:32-33)

O Livro de Mórmon nos ensina que *"iniqüidade nunca foi felicidade."* (Alma 41:10) e que *"os que praticam iniqüidades o fazem para si mesmos."* (Helamã 14:30)

Lamentàvelmente perde-se a bênção que poderíamos receber, quando pecamos e não nos arrependemos; até mesmo o clemente perdão de nosso Senhor ao pecador arrependido, não trará de volta as oportunidades desperdiçadas, as quais eram destinadas a servir, partilhar e aprender.

Qual o resultado da obediência aos mandamentos de Deus?

A promessa de Cristo é que podemos nos assegurar de Seu amor e o de nosso Pai Celestial e que Êle se manifestará a nós. Nada será mais importante do que isso. Talvez ninguém, melhor do que Paulo, consiga descrever os efeitos da obediência, quando escreveu a seu jovem amigo e irmão, Timóteo:

"Ora, o fim do mandamento é a caridade de um coração puro e de uma boa consciência e de uma fé não fingida." (1 Tim. 1:5)

Consideremos estas promessas cuidadosamente:

UMA BOA CONSCIÊNCIA: Sentir-se bem consigo mesmo.

CARIDADE DE UM CORAÇÃO PURO: Sentir genuína preocupação pelos outros... importar-se, servir, dar, amar. Boa consciência conduz a interêsses altruísticos por outros e

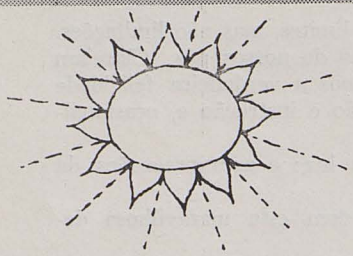
FÉ NÃO FINGIDA: Confiar verdadeiramente em Deus e no cumprimento de Seus propósitos para conosco.

Para a vida mortal e suas complexidades, não há bênçãos mais significativas do que estas, nenhuma a ser tão desejada. E tôdas elas têm ligação eterna, a qualidade de durar. Acrescente-se-lhes uma das mais doces promessas do Senhor e a questão de obedecer torna-se maravilhosamente clara:

"... e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus..." (D&C 121-45)

A juventude SUD relembra os 10 mandamen

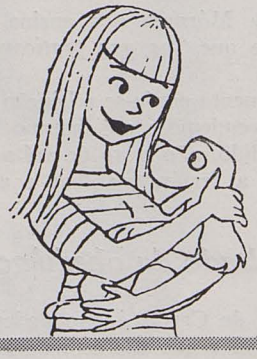
Para fortalecer meu próprio testemunho, para assegurar meu futuro com um modo de vida que me trará felicidade completa, belezas mais pujantes, realizações mais elevadas e serviços mais nobres, farei o seguinte:



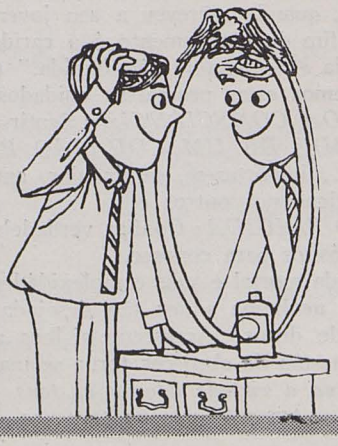
1 Não terei outros deuses diante d'Êle. Amarei o Senhor meu Deus de todo o meu coração, poder, mente e fôrça.

2 Não farei para mim imagem de escultura, para curvar-me em frente. Buscarei primeiro o reino dos céus, sabendo que tôdas as outras coisas me serão acrescentadas. Ficarei sempre bem próximo a Êle, para que possa ser guiado no feliz caminho do viver reto.

5 Honrarei meu pai e minha mãe, para que se prolonguem os meus dias na terra que o Senhor nos deu. A êles, que me concederam esta oportunidade de viver, devotarei meus melhores esforços, dedicarei meus pensamentos mais caros e o meu melhor comportamento. Eu os amarei da mesma maneira que me amam.

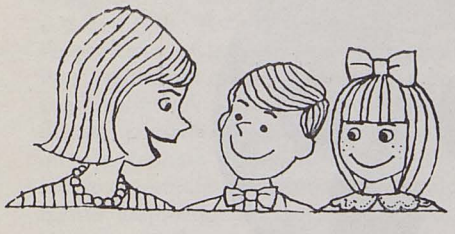


6 Não matarei. Não farei mal de qualquer outro modo, a fim de me vingar. Sòmente mostrarei tolerância e bondade a meus amigos, como também a meus inimigos, pois o amor e a compreensão trazem sua própria recompensa.



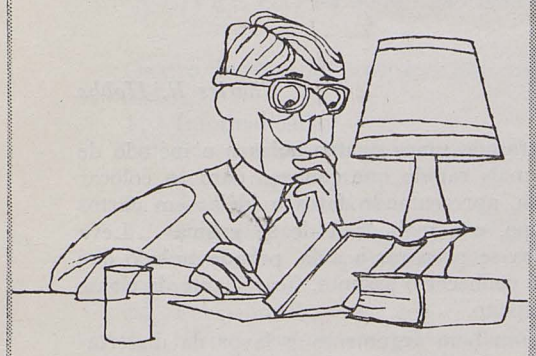
7 Não cometerei adultério. Meu corpo é meu templo, a salvaguarda de meu espírito eterno. É minha melhor possessão e eu o tratarei como tal, de maneira sincera e constante. Sempre serei limpo física, mental e espiritualmente, como reconheço que devo ser, para que algum dia possa ser digno de entrar no templo do Senhor.

tos nos têrmos de sua própria experiência



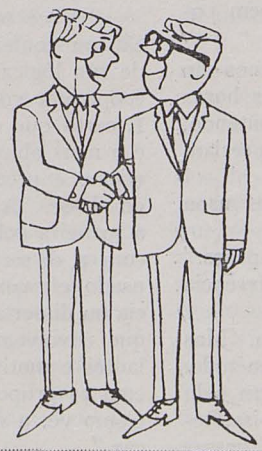
3 Não tomarei o nome do Senhor em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão. Não pronunciarei palavras obcenas, blasfemas, porém minha linguagem será limpa e saudável.

4 Lembrar-me-ei do dia do Sábado, para o santificar. Em seis dias o Senhor fêz os céus, a terra e o mar. No sétimo dia descansou, abençoou o Sábado e o santificou. E o que é santificado à vista de meu Pai Celestial, também será santificado a meus olhos. Neste dia renovarei meus convênios, erguerei meus olhos aos céus, fortalecerei meu espírito para os dias futuros.



8 Não furtarei. Nem tomarei posse daquilo que não me pertence. Lembrar-me-ei de que não posso esconder coisa alguma de meu Deus, cujos olhos estão sempre sôbre mim. Minha alegria sòmente se manifestará por aquilo que fôr genuìnamente meu.

9 Não direi falso testemunho contra meu próximo. Procederei honestamente com meus semelhantes e serei honesto para comigo mesmo. Nenhum homem é perfeito, inclusive eu mesmo. Não atirarei a primeira pedra, mas procurarei compreender as fraquezas dos outros — como também os farei compreender as minhas próprias faltas.



10 Nada cobiçarei de meu próximo. Cada um tem seus tesouros. Cada qual tem sua cruz para levar. Contarei minhas bênçãos que, deveras, são inúmeras e me sentirei feliz com a alegria de meus semelhantes.

Farei isto com a ajuda de meu Pai Celestial, determinando-me a viver do melhor modo possível, procurando ser o melhor que puder em minha capacidade de realizar. Que Deus possa dar-me fôrças para assim fazer.

ESCOLA DOMINICAL

A arte de ensinar com eficiência

Charles R. Hobbs

A Escola Dominical terminou no Ramo de Vista Alegre. As crianças espalham-se em tôdas as direções, pelas portas abertas da capela. Pessoas de tôdas as idades recebem a aragem fresca da linda manhã do Dia do Sábado. Enquanto a multidão retira-se, dois professôres permanecem à entrada da capela, discutindo sôbre suas classes de adolescentes. O Irmão Ferraz está conversando com o seu amigo Gonçalves, professor traquejado e bem popular:

"Não compreendo porque meus alunos de 14 anos são tão apáticos e irreverentes em classe. Gasto duas horas preparando minha lição... e tudo em vão! Não entendo, mesmo, a razão porque êsses "moleques" não apreciam uma boa aula, quando têm oportunidade."

O Irmão Gonçalves responde: "Que métodos usou em sua aula, Irmão Ferraz?"

"Métodos? Ora, eu apenas conversei com os rapazes."

"Você quer dizer que usou o método de conferência ou preleção?"

"Bem... acho que se poderia chamá-lo assim. Mas não há nada de errado nisso. Todos usam tal método. Até mesmo os catedráticos de universidades. Tem sido o preferido desde tempos imemoriais. E outra coisa, tenho boa quantidade de material para apresentar nessas aulas. Estou atrasado umas quatro aulas e o método de conferência é o mais rápido que conheço para se colocar a matéria em dia, apresentando fatos e idéias em curtos períodos de tempo, e é mais fácil de se ensinar. Leva menos tempo para se preparar a aula, porque tudo o que se tem de fazer é conhecer o assunto, ficar diante da classe e dissertar a respeito."

"Você tem um bom argumento a favor da dissertação ou conferência, Irmão Ferraz. Concordo com parte de sua lógica. Mas como os membros de sua classe não cooperam, você dificilmente poderá estar 100% correto. É certo que o método de conferência é o mais usado... e o mais abusado também. Para se dissertar de maneira eficaz, é preciso *mais* do que simplesmente ficar diante da classe. A personalidade do professor, o uso da voz e a maneira pela qual êle combina outras técnicas de ensino com a dissertação, determinam se o método está sendo usado eficazmente ou abusado. Além disso, a conferência ou dissertação concentram-se no professor. Os métodos que envolvem a classe são freqüentemente mais estimulantes e motivam o desejo de aprender, particularmente com os grupos mais jovens como o seu, de catorze anos. Como vê, a dissertação, por si, dificilmente pode ser eficaz."

"Bem... talvez você esteja certo. E ainda..."

"Deixe-me explicar mais. Há, pelo menos, quatro desvantagens em usar-se o método de conferências. Primeiramente, é mal usado, pois demonstra preparação insuficiente da lição. A maioria de nós é responsável por não dispender o tempo necessário para preparar uma lição. Esta insuficiência descamba para o tipo mais confortável de conversa. E, dessa forma, o professor torna-se desinteressante e até mesmo aborrecido.

"Todos nós aprendemos melhor quando praticamos e, em segundo lugar pela visão — principalmente se observamos representações simbólicas de conceitos em objetos e figuras. O mínimo que desperta o interêsse no ensino é a audição. Esta é a segunda desvantagem do método de preleção. Claro está que a aprendizagem é muito melhor assimilada quando se pratica e se ouve, em atividades combinadas. A dissertação oferece sòmente parte do aprendizado, podendo ser justificada para grupos mais adultos, que já tenham experiência na vida, pois assimilam as imagens verbais apresentadas, ligando-as com o conhecimento adquirido anteriormente. Entretanto, mesmo em se tratando de adultos, a aprendizagem é melhor assimilada, como já disse, quando se vê e executa uma tarefa, do que simplesmente quando se ouve.

"Todos os educadores sabem que quando os membros da classe são firmemente controlados e ainda desfrutam de liberdade de expressão, obtém-se o mais desejável tipo de metodização do ensino. Uma outra desvantagem do método preletivo é a de impedir os membros da classe de manifestarem-se livremente." (Veja o gráfico abaixo)

EFEITOS DO MÉTODO PRELETIVO QUANTO À LIVRE EXPRESSÃO DO ESTUDANTE

Quatro modos de proceder, que encorajam a livre expressão:

1. Informalidade.
2. Desenvolvimento do senso de liberdade que conduz à auto-expressão.
3. Aceitação contínua.
4. Proteção às condições individuais.

Quatro modos de proceder que restringem a livre expressão:

1. Formalidade.
2. Só o professor tem oportunidade de expressar-se.
3. Impede que os alunos manifestem-se, provando ou não sua aceitação.
4. Estabelece as condições do professor e não a dos alunos.

"É verdade que com o método preletivo, muitos fatos e idéias podem ser apresentados num curto período de tempo. Mas não podemos nos esquecer, entretanto, que apresentar muitos conceitos em pouco tempo talvez não traga os resultados esperados. É óbvio que se muitas idéias novas são apresentadas de uma só vez, e particularmente se não são exemplificadas ou definidas, *os membros da classe poderão ficar confusos, retardando, dessa maneira, o processo de aprendizagem*. Isto é especialmente aplicável aos jovens ou indivíduos que tenham dificuldade de aprender.

"Assim sendo, Irmão Ferraz, o método preletivo tem o seu lugar, mas deve ser dosado; tudo correrá bem se não ultrapassar os limites que mencionei e se aplicar, pelo menos parcialmente, os 16 exemplos que vou lhe dar."

"Muito obrigado, Irmão Gonçalves. Seu comentário para limitar a preleção e suas idéias de como ensinar eficazmente serão, tenho certeza, de grande ajuda."

1. *Comece sua preleção com um "chamariz"*

Desperte imediatamente o interêsse da classe, usando uma boa idéia. Certa dose de humor, uma pequena história dramatizada ou uma lição objetiva, ou ainda uma declaração enfática são alguns modos de atrair o interêsse para você e sua preleção. Eis três exemplos:

O professor A encaminhou-se até a frente da sala e, sem uma palavra, esboçou a figura de um pastor e oito ovelhas junto aos seus calcanhares. Apontando para a figura, disse: "Êste é o bom pastor." Conforme continuava, as ovelhas foram sendo personificadas com os nomes dos membros da classe. Êsse chamariz foi usado pelo professor durante tôda a aula, enquanto os membros aprendiam sôbre as relações entre Cristo e êles próprios.

A professora B mostrou uma corôa de espinhos, como introdução da aula sôbre a crucificação.

O professor C foi até o quadro negro e escreveu, "Como conseguirmos reverência em nossas capelas?" fêz uma breve preleção sôbre os problemas relativos ao assunto e depois, para chegar a uma solução, deu oportunidade dos membros expressarem-se.

Certifique-se de que seu "chamariz" esteja diretamente relacionado com o ponto que você pretende salientar em sua preleção. Não tenha mêdo de ser diferente. Os alunos gostam de surprêsas.

2. *Seja cuidadoso na seleção de palavras*

Evite expressões de gíria, a não ser que as use propositalmente. O uso das mesmas demonstra deficiência no domínio da língua. Seja sincero quanto ao emprêgo do seu vocabulário. Não use palavras empoladas apenas para causar boa impressão. Use sempre palavras simples. Quando fôr necessário usar um têrmo desconhecido, não esqueça de definí-lo.

As palavras estimulam o interêsse dos alunos. Quando descrevia a arpoação de uma baleia, no livro "Moby Dick," Melville não disse simplesmente, "a baleia revirou-se na água e morreu." Em vez disso, deu ao leitor uma experiência emocional através do uso de palavras "de ação:"

"A maré vermelha agora espalhou-se de todos os lados do animal, como riachos descendo da montanha. Seu corpo trucidado não agitou-se em salmoura, mas em sangue, o qual borbulhou e permaneceu por instantes nos seus sulcos. O sol que se punha, refletindo o vulto carmesim no mar, trouxe um rubro reflexo a cada face, incandescendo-as, como se fossem de pele-vermelhas..."

Não há substituto para a gramática correta. Peça a um amigo para prestar atenção aos erros gramaticais que comete quando dá aulas e tente corrigí-los. Concentre sua atenção, na hora e depois da aula, determinando-se a sobrepujar essas falhas.

3. *Pratique dicção e modulação de voz*

Por dicção entende-se o grau de clareza com que se fala. Abrindo e fechando a bôca, relaxando os músculos da garganta, articulando a língua e os maxilares e deixando o som vir através do diafragma, as palavras sairão claras e sonantes. Pratique a dicção lendo escrituras em voz alta.

Faça discursos sincopados. Deixe os acentos caírem em lugares inesperados. Isto manterá sua classe interessada. As inflexões de voz poderão ser melhor desenvolvidas praticando-se a acentuação de certas palavras dentro da sentença.

4. *Dramatize o que diz*

Considere sua sala de aula como um palco. Você está executando o papel principal. Maravilhar a classe com o evangelho de Jesus Cristo é o seu papel. De fato, você tem de envolver sua classe com tal interêsse que, para êles, o mundo tornar-se-á um palco, onde viverão o evangelho. Pela dramatização apropriada do que diz, sua mensagem chegará viva às mentes de seus alunos.

Certo colega, também professor, tornou-se ator. Não faz muito tempo, fiquei admirado de ouvir um de seus estudantes relatar histórias bíblicas com detalhes idênticos aos que havia aprendido com êle.

Tendo assistido várias dessas aulas, percebi o que permitia aos alunos lembrarem-se. Por exemplo, fazendo o papel de Eli em certa lição, o professor levantou os braços para o ar, enquanto lamentava a morte dos filhos iníqüos. Num outro dia observei alguns dos rapazes da classe fazendo o papel dos humilhados filhos de Israel, quando pediam perdão ao irmão, José. Chorando de alegria, José (o professor) abraçou os irmãos e os perdoou. Em outra ocasião, a régua foi usada como espada, a sala de aula tornou-se o Monte Sinai, a mesa serviu como altar onde Isaque ia ser oferecido como sacrifício humano e a porta da sala tornou-se a entrada de uma tenda, através da qual o professor apareceu, anunciando ao Capitão Moroni que os lamanitas estavam atacando.

Nunca faça o que está além de sua habilidade ou personalidade. O desenvolvimento da habilidade de dramatização será um processo gradual através dos anos. Nas primeiras tentativas, trabalhe apenas com movimentos de braços e expressões faciais, sempre atento para não ultrapassar os limites.

É óbvio que, se a pessoa permanece como um carvalho quando transmite ensinamentos, está usando apenas parte de seus recursos. Deixe sua classe tornar-se um palco.

Continua

JÓIA SACRAMENTAL

para abril

Escola Dominical Sênior

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-Lhe: Senhor, se Tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! (Ela, voltando-se, disse-Lhe: Raboni (que quer dizer Mestre.)

"Disse-lhe Jesus: Não Me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai para Meus irmãos e dize-lhes que Eu subo para Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus." (João, 20:15-17)

Escola Dominical Júnior

"Abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos." (Mateus 27:52-53)

Repetição em Conjunto

Durante o mês de abril, duas classes memorizarão uma escritura, conforme citamos abaixo, e a repetirão em conjunto na Escola Dominical de 1º de maio:

Curso 6: "Sim, sinais vêm pela fé, para a realização de trabalhos poderosos, pois sem fé nenhum homem agrada Deus; e sôbre quem recai a ira de Deus, êste será fora do Seu agrado; portanto, a êle não mostra sinais, senão em ira para a condenação dêle.

"Portanto, Eu, o Senhor, não Me agrado daqueles dentre vós que têm procurado sinais e prodígios para obter fé, e não para o bem do homem para a Minha glória." (D&C 63:11-12)

Curso 8: "E abrindo Pedro a bôca disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas;

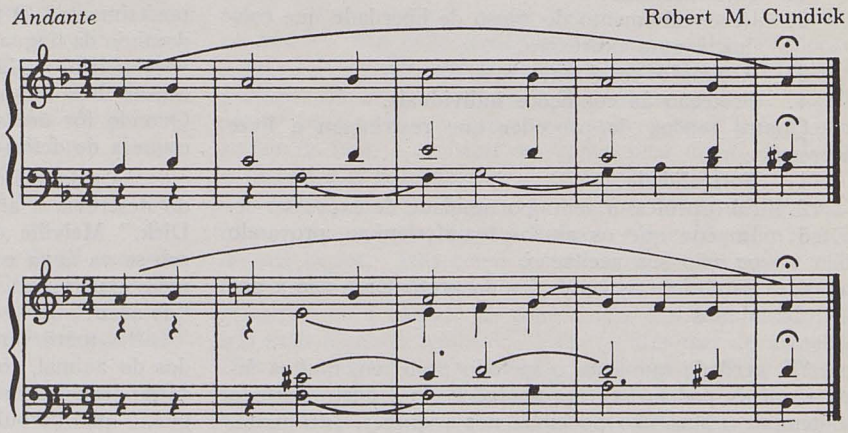
"Mas que lhe é agradável aquêle que, em qualquer nação, O teme e obra o que é justo." (Atos 10:34-35)

HINOS DE ENSAIO

para abril

Escola Dominical Sênior
"Vem, Segue-Me," n.º 49.

Escola Dominical Júnior
"Agradecimentos," n.º 195.

Andante — Robert M. Cundick

PÁGINA FEMININA

Elsa

CAPÍTULO 7

Mabel Harmer

Resumo: *Elsa Breinholt deixa sua cidade natal, Heidelberg, e vai para a América, onde fica hospedada com a família de George Clayton, aquartelado na Alemanha com o exército americano. Encontrou emprêgo em Lago Salgado por alguns meses, mas quando terminou seu contrato, dirigiu-se a Idaho para visitar os tios. Depois de assistir as reuniões do pequeno ramo a que pertencem, decide voltar e ajudar a expandir a Igreja em sua terra natal. Começa a trabalhar com a família Dawson, a fim de economizar dinheiro para a viagem.*

Em fins de maio, a Sra. Dawson resolveu ficar só, sem ajuda nos serviços caseiros e Elsa regressou à casa do tio. Ela não ficou triste por isso, apesar do serviço tornar-se cada vez mais fácil, porém nunca a ponto de chamá-lo de leve. Todavia, pudera economizar um pouco e já possuía 400 dólares.

Era gostoso voltar à fazenda, agora que o verão chegara. As verdes pastagens tornaram-se encantadoras, especialmente com a neve emoldurando os picos das montanhas, como se as coroasse.

Certo dia, tio Frederico entrou e foi dizendo: "Tenho algumas propostas para lhe fazer. Direi a melhor em primeiro lugar."

"Sou tôda ouvidos," disse Elsa, "apesar de crer que o melhor deve vir por último."

"O melhor, no caso, é sòmente questão de opinião. E na minha opinião o melhor vem primeiro. Se pensar assim também, não discutiremos a segunda.

"Alberto, o filho do nosso dentista em Beise, tem uma vaga para secretária e gostaria que você aceitasse o cargo. Êle a treinaria e lhe pagaria um ótimo salário mensal, enquanto estivesse aprendendo. Claro que êle deseja que você permaneça lá bastante tempo. Até que se case, suponho."

"Poderia ser por tempo ilimitado, sem dúvida," replicou ela. "E êle é muito generoso. Bem, qual é a outra?"

"Há um avião que partirá de Lago Salgado dentro de um mês. Todos os passageiros falam alemão e farão uma viagem de ida e volta. O Irmão Schumann escreveu-nos para saber se Edite e eu gostaríamos de ir junto. A taxa é de apenas trezentos e cinqüenta dólares."

"E haverá lugar para mim?" perguntou Elsa com os olhos brilhantes.

"Haverá lugar para todos nós, se fizermos reservas com antecedência, isto é, já."

Ela deu um salto e enlaçou o tio pelo pescoço. "Oh, que maravilha! Vocês irão, na certa."

"Bem, poderíamos. Já fazem quarenta anos que saímos de nossa velha pátria. Talvez esteja mesmo na época de fazermos uma visita."

"Então faça a minha reserva o mais breve possível, junto com as suas. Vocês terão que correr para conseguir as vacinas, os passaportes e tudo o mais. Mamãe ficará tão contente! Quanto tempo vocês ficarão? O que farão com a fazenda?"

"Uma pergunta de cada vez, menina. Posso empregar alguém para tomar conta da fazenda. O filho de nosso vizinho, que está em férias, ficará satisfeito com êsse trabalho. Por quanto tempo? Não creio que mamãe queira ficar muito tempo longe de casa, não é?"

"Mas poderia," respondeu tia Edite secamente. Na realidade, você me prometeu uma viagem dessas há vinte anos, se procurar se lembrar bem. Vou me divertir ao máximo."

"Tá bom," concordou Frederico, "Tá bom..."

Elsa decidiu voltar para Lago Salgado, a fim de passar lá as últimas semanas, se as meninas conseguissem arranjar-lhe lugar no apartamento. Possìvelmente fôsse sua última chance de visitar Utah. E ela gostaria de ver George novamente. Sabia que, fôsse qual fôsse o seu futuro, ficaria feliz se agisse assim.

Margarete escreveu dizendo que ficariam encantadas em recebê-la como hóspede. "Devo-lhe muitíssimo," disse ela. "Estou noiva e casarei com o Dr. Kirton, que você me apresentou. E nenhuma outra moça ficaria tão feliz como eu. Espero que tenha tôda a felicidade do mundo quando fizer a sua escôlha."

Assim o meu Natal transformou-se em algo duradouro e especial, pensou Elsa, cheia de gratidão por ter contribuído um pouquinho para a felicidade de Margarete.

O avião partiria dia 25 de junho e ela chegou à cidade uma semana antes. Telefonou para os Clayton e reconheceu a voz de George assim que êste atendeu o telefone.

"Sou eu..."

"Eu sei. A princesa de cabelos dourados do castelo de Hirchshorn. Quando poderei vê-la?"

"A qualquer hora. Estarei aqui por uma semana. Depois voltarei para a Alemanha com meus tios."

"Você voltará? Veremos a respeito disso," retorquiu êle. "Tenho ordens para mantê-la aqui."

"Mesmo? De quem?"

"Contar-lhe-ei mais tarde. Tôda a família irá a um piquenique em Brighton. Burt está dizendo que lhe havia prometido um passeio de verão para descontar aquêle do inverno. Nós a apanharemos lá pelas quatro."

Os gracejos e brincadeiras de George sempre a agradavam. Ela estava ansiosa por vê-lo novamente e ao resto da família também. Antes de partir, Elizabete disse-lhe, "Agora que você presenteou Margarete com um de seus ex-admiradores, gostaria de ser a próxima da fila."

"Êsse ainda não é *ex*," lembrou Margarete.

"Eu sei, mas tenho esperanças, não posso? Você não precisa ser tão presunçosa e estar tão contente porque já tem o seu." Seu tom era sério, mas seus olhos sorriam.

"Não sou," disse ràpidamente Margarete, "nem um pouquinho. E, acredite-me, não desejo outra coisa para vocês, senão que arranjem um bom rapaz."

Quando os Clayton foram buscar Elsa, esta sentou-se entre George e Burt. Todos êles pareciam tão contentes que ela sentiu-se parte da família e não uma estranha em terra longínqüa.

Elsa ficou surprêsa com a diferença entre Brighton em pleno verão e a cidade que estivera totalmente coberta de neve. Era como algo que não tivesse visto antes — o vale acolhedor, as roseiras floridas entre enormes blocos de gêlo e um lago cintilante aninhado nas verdes campinas, cercadas de picos ponteagudos.

"Você deve tentar esquiar outra vez," disse Burt. "Só que agora subiremos e depois desceremos novamente."

"Nós é que iremos," disse George tomando Elsa pelo braço. "Você que procure outros amigos."

Elsa estava a ponto de replicar, mas não era caso para discutir. Assim, endereçou um sorriso a Burt e seguiu George. Bem no alto da colina, encontraram uma estrada estreita e chegaram a uma pedra plana.

George estendeu sua malha, para que Elsa sentasse nela. "Bem, que tolice é essa de voltar para a Alemanha?" perguntou êle, enquanto sentava-se a seu lado. "Você não está falando sério, não é?"

"Claro que estou," replicou ela. "Fomos informados pelas Autoridades Gerais que devemos permanecer em nossos próprios países para ajudar a expandir a Igreja lá. Especialmente agora que estamos tão próximos de edificar um templo, não há necessidade de vir para Utah. Entretanto, não percebi como isso era importante, até visitar o ramo de meu tio, em Idaho. Não estavam desesperados procurando auxílio, mas muitos dos jovens achavam-se distantes, estudando ou em missão. Compreendi que o meu lugar era estar entre minha própria gente, onde cada membro pode fazer tanta coisa de bom. Claro que fico triste por ter de deixar meus amigos."

George tomou-lhe a mão. "Poderíamos ser mais do que simples amigos — se você ficasse. Você sabe disso, não?"

Ela retirou suavemente a mão. "Talvez," sorriu. "Eu o estimo bastante, porém devo ir-me."

"Você sabe que poderá mudar de idéia outra vez," continuou êle com entusiasmo. "Pelo que andei sabendo, o ramo vai indo muito bem sem você. Talvez até resolva vir para cá outra vez."

"Pode ser," concordou ela. "Somos ainda jovens e nunca se sabe o que nos reserva o futuro."

"Por outro lado, agora que o serviço militar já terminou, talvez eu vá fazer missão. E como já conheço ligeiramente a Alemanha, bem que poderia ir para lá. Portanto, poderei encontrar-me com você em Heidelberg."

Elsa sorriu, pensando no primeiro encontro com George, quando êle lhe dera um encontrão e derrubara a estatueta rara que levava.

Êle pôs-se de pé. "Vamos descendo. Já sinto o cheirinho gostoso de churrasco."

Quando voltaram à cidade, despediu-se dos Clayton e agradeceu-lhes por tôda a sua bondade. Burt apostou que ela estaria de volta antes de um ano. E a Sra. Clayton acrescentou, "Se você decidir voltar, as portas do nosso lar estão abertas."

"Muito agradecida," respondeu Elsa emocionada. "Obrigada por tudo," disse, correndo para casa.

Passava um pouquinho da meia-noite quando seus tios chamaram um taxi para levá-los até o aeroporto. Lá chegando, ficaram surprêsos ao encontrar George, que fôra despedir-se dela. Elsa desejou que êle não tivesse ido. Um adeus era suficiente. "Ainda é tempo de que você mude de idéia e fique," disse êle.

A única resposta de Elsa foi um sorriso. Sabia que êle já não esperava nenhuma outra resposta.

A bagagem foi pesada. Houve despedidas finais e adeuses de amigos e parentes. Bem poucos, do mesmo modo que ela, partiriam sem esperanças de regressar. Pouco antes do avião atingir a pista principal, ela acenou um último adeus para George. Depois êle perdeu-se de vista.

Quando sobrevoaram o vale, olhou ainda uma vez para o anjo dourado na tôrre mais alta do templo, glorioso por entre o brilho dos holofotes. Lembrou-se que seu primeiro olhar dirigira-se para o mesmo anjo e alegrou-se. Pareceu-lhe um final adequado para sua estadia em Sião.

Enquanto voavam para leste, sôbre as Montanhas Rochosas, Elsa estudava as pessoas a bordo.

Bem à sua frente, havia um casal de mãos dadas, ambos silenciosos. Elsa imaginou o que poderia ter ocasionado sua viagem — se seriam amargas lembranças do torrão natal. Esperava que se assim tivesse sido, que fôssem apagadas e que a viagem de retôrno se apresentasse mais alegre.

O vôo foi tranqüilo e sem novidades e êles aterrissaram em Hamburgo na tarde do mesmo dia. "Quando fui à América," disse o tio Frederico, "levou muito tempo, ou seja, dias em vez de horas."

Elsa sorriu. "Levou-me muito mais dias de navio e ônibus. Apreciei cada quilômetro que percorremos e estou contente por conhecer tão bem a América. Estou mais feliz ainda por voltar como um pássaro." E acrescentou para si própria, "mas como estou feliz por regressar!"

Deveriam alugar um Volkswagen no dia seguinte, por isso dirigiram-se a um hotel para passar a noite. Antes de ir para a cama, percorreram uma das ruas principais da cidade. Era maravilhoso ver os sinais e os luminosos das lojas e as ruas da Alemanha outra vez — mais ainda para os tios do que mesmo para Elsa.

"Amanhã iremos até o pôrto," disse tio Frederico. "Não deve ter mudado."

"Não," concordou Elsa. "Provàvelmente não. E quando chegar à nossa Heidelberg, penso que não encontrará diferença alguma. Claro que há bairros novos, mas ainda há os antigos,

como também o castelo, a velha ponte e a universidade."

"Ah, sim," tio Frederico sorriu. "Será ótimo rever a velha Heidelberg!"

"Bem, felicito-o por admitir isso," disse Elsa. "Até agora todos os elogios estão sendo dedicados à América; que felizardos são vocês por terem podido ir e que bom seria se eu tivesse ficado..."

"Tudo o que quis e ainda quero é rever o meu lar..." falou a tia.

Bem cedinho, no dia seguinte, pegaram o carro e dirigiram-se ao pôrto, como haviam planejado. Elsa gostaria de ir direto para casa, mas tio Frederico era como um marujo finalmente regressando ao derradeiro pôrto. Insistia em afirmar que tudo estava na mesma.

"Agora você está vendo no que se meteu!" observou Elsa, rindo-se para a tia, "terá que ir palmilhando tôda Alemanha que o tio conheceu quando era menino."

"Será ótimo," respondeu a tia sorrindo. Êle trabalhou e economizou tanto para essa viagem!"

"O que aconteceria se o senhor se encantasse com a Alemanha e quisesse ficar?" perguntou Elsa ao tio.

"Por favor, não diga isso!" respondeu êle ràpidamente. "Isso não acontecerá. Pense em meus netinhos lá na América!"

"Claro que o senhor está certo," concordou Elsa. "Eu estava sòmente arreliando."

Quando êle já estava satisfeito, deixaram a cidade e tomaram a direção de Heidelberg. Era um lindo dia de verão e o cenário mostrava-se encantador.

Quando passavam por um denso bosque, tia Edite disse, "Agora entendo o que quer dizer quando mencionam a *Floresta Negra*. É porque as árvores são tão espêssas, que até mesmo os raios do sol não penetram."

Nesse ponto o tio Frederico disse, "Esta é uma estrada magnífica. É por isso que estamos atrasados. Vamos entrar numa estrada menor, para ver as vilas, velhas igrejas e as pessoas que trabalham no campo."

Ansiosa como estava para regressar ao lar, Elsa mesmo assim não protestou. Como dissera tia Edite, êle trabalhara muito para conseguir essa viagem. Era a realização do sonho de todo aquêle que *regressa ao lar, não importa como e porque o tenha deixado.*

Além disso, já ia fazer um ano que Elsa partira e em comparação com a sua idade, poderia esperar um pouco.

Era tarde quando chegaram a Heidelberg e dirigiram-se para casa. Sua mãe e Maria estavam esperando no alpendre da frente e Elsa foi correndo abraçá-las.

Elas saudaram tio Frederico e tia Edite com igual entusiasmo. "Espero que não tenham lanchado ainda," disse a mãe. "O jantar não está tão saboroso como há horas atrás, mas ainda está à espera de vocês."

"Frederico não podia esperar até ver a Alemanha inteira — ou o máximo que pôde," explicou Edite, "assim tivemos de viajar por estradas secundárias e visitar tôdas as vilas do caminho. É por essa razão que estamos tão atrasados."

"Foi ótimo, então," concordou a Irmã Breinholt com a cabeça. "Estou felicíssima por êle apreciar sua pátria. Uma refeição tardia não lhe fará mal depois de realizar algo assim."

Entraram e sentaram-se à mesa. "Karl estaria aqui," disse a mãe para Elsa, "porém pensou que seria um intruso na família, nesta nossa primeira reunião."

"Êle acertou," disse Elsa. Será que realmente sentia-se contente por êle não ter ido logo dar-lhes as boas-vindas? Não tinha certeza. *Conclui no próximo número.*

Jóias do Pensamento

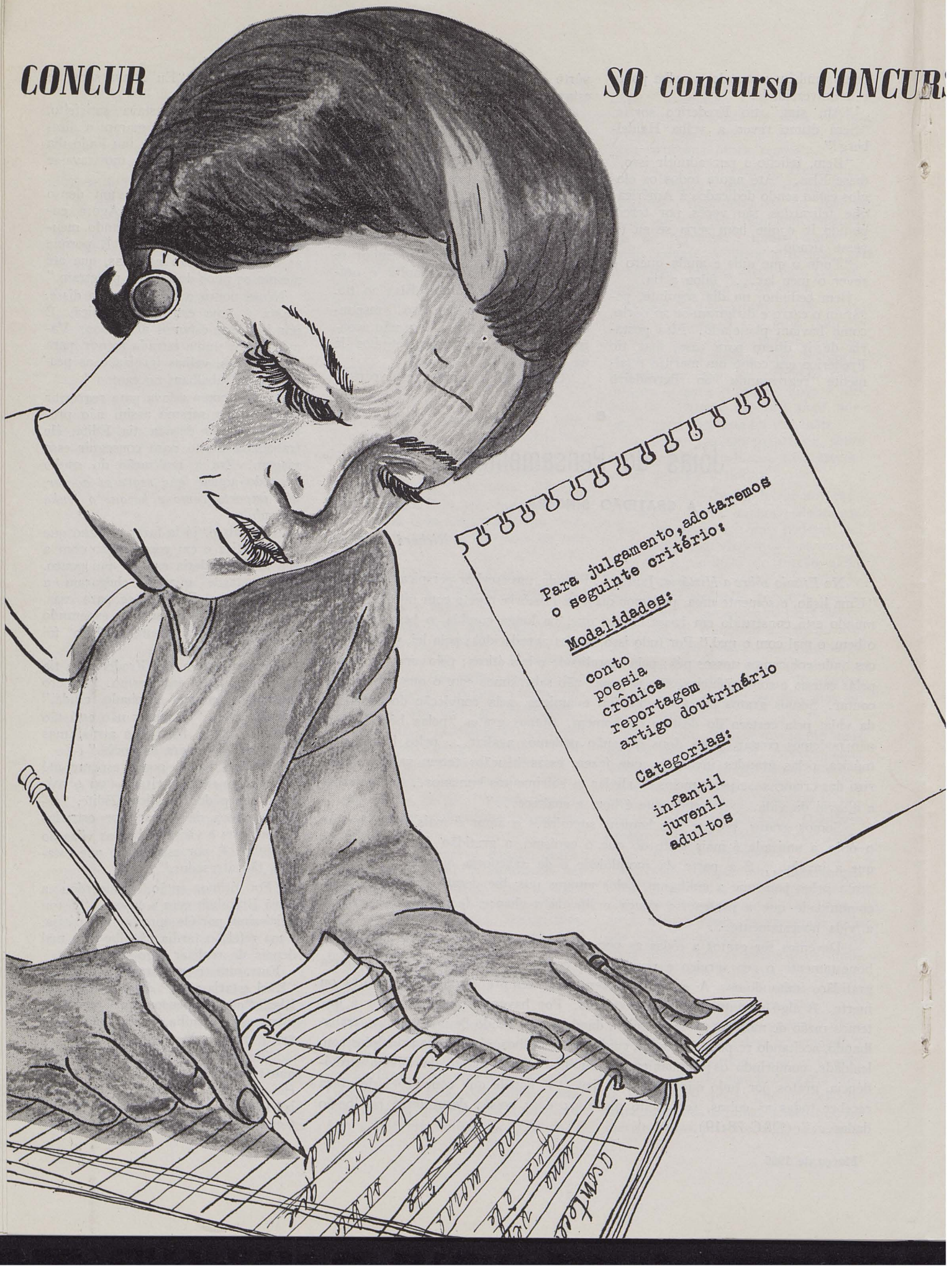
A GRATIDÃO SINCERA...

Richard L. Evans

No *Ensaio sôbre a História,* James A. Froude, um escritor perspicaz, escreveu: "Uma lição, e sòmente uma, podemos dizer, a História repete com nitidez: que o mundo está construído em bases éticas; que, na longa corrida, o bem está com o bem, o mal com o mal." Por tudo isso, somos agradecidos: pela lei, pelos alicerces onde colocamos nossos pés; pela moralidade e leis éticas; pelos mandamentos, pelas causas e conseqüências, sem as quais não saberíamos com o que poderíamos contar. Somos gratos por nossa família e amigos, pela convicção do propósito da vida, pela certeza do destino do homem. Somos gratos "pelas bênçãos que não podemos contar, pelos dons que não podemos avaliar... pelos livros, pela música, pelas grandes invenções que fazem essas bênçãos terem valor... pelo riso das crianças... pelos meios de aliviar os sofrimentos humanos... e aumentar a alegria da vida... por tudo que é bom e enaltece..."

Somos gratos, porque nos homens superiores o amor é mais forte do que o ódio, a amizade é mais forte do que o egoísmo, a gratidão é mais forte do que a inveja... É a parte da moralidade e da sabedoria que torna a pessoa grata pelos pais que a cuidaram, pelos amigos que lhe deram companhia... a comunidade que a protege, a educa e lhe dá a chance de aprender a ganhar a vida honestamente...

Devemos ser gratos a tôdas as pessoas decentes que mantêm a paz, fazem honestamente o seu serviço e pagam suas contas... Devemos expressar nossa gratidão, imitando-os. A gratidão sincera nem sempre é silenciosa, neutra ou inerte. É algo por que fazemos as coisas. Por havermos recebido algo é que temos razão de mostrar nossa gratidão, dando amor, dando de nós mesmos, trabalhando, aceitando responsabilidades, cuidando dos filhos, vivendo os princípios com lealdade, cumprindo os mandamentos, humilhando-nos diante da Divina Providência, gratos por tudo que Deus nos deu. "E aquêle que com ações de graça receber tôdas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas..." (D&C 78:19).


CONCUR
SO concurso CONCUR
Para julgamento, adotaremos o seguinte critério:
Modalidades:
conto
poesia
crônica
reportagem
artigo doutrinário
Categorias:
infantil
juvenil
adultos

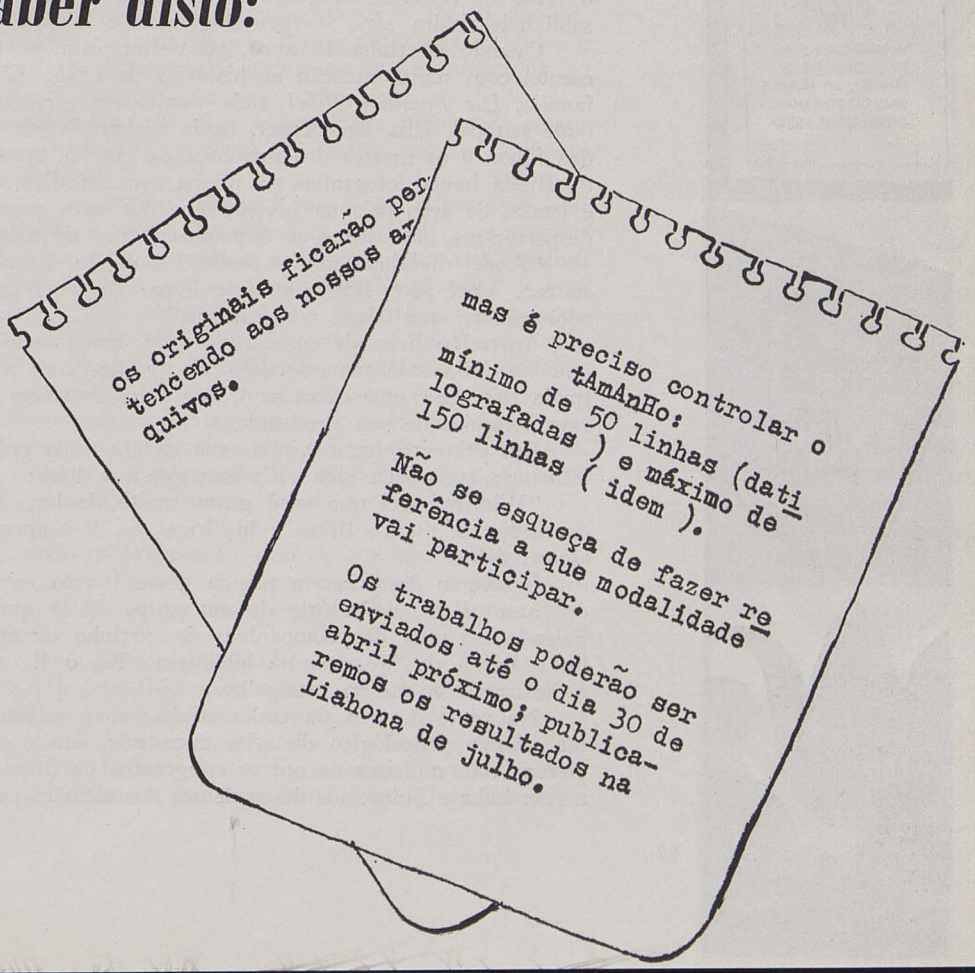
CURSO concurso CONCURSO concurso CONCURSO concurso

VOCÊ,

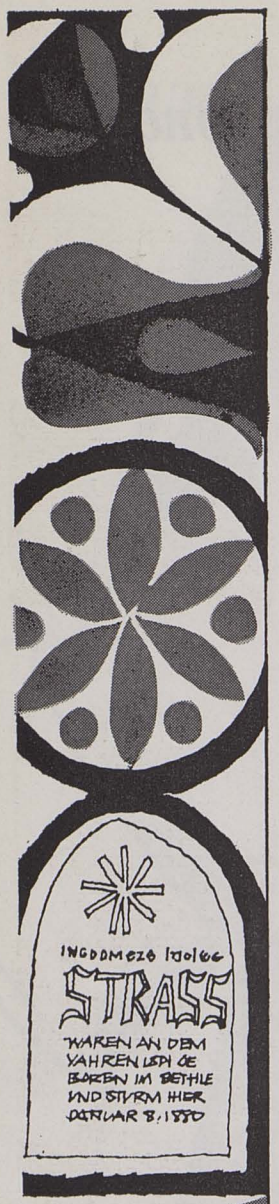
que tem aspirações literárias,

por que não participa?

só precisa saber disto:



VAMOS COMEÇAR?



Fazenda Tulpehocken

Em certo trecho da estrada há um sinaleiro indicando, "Fazenda Tulpehocken." As crianças esticaram os pescoços para visualizar o lugar dos seus sonhos, os quais foram acalentados durante tanto tempo, semanas de inverno em Utah e calor durante os 30 quilômetros de percurso até a Pensilvânia. Enquanto nos aproximávamos, podíamos ver um punhado de edifícios da fazenda, que se amontoavam.

"Bem, aqui estamos. E agora?" perguntou Jim, sorrindo às crianças. Êles arregalaram os olhos, diante da mansão de pedra com suas enormes varandas, onde estavam um homem de cabeça branca e uma senhora na cadeira de balanço.

"Depressa, papai, veja se êles têm algum lugar para nós pousarmos." antecipou-se Naoma, nossa filha mais velha. Jim já estava fora do carro e subia os degraus do alpendre. Depois de algumas palavras com a senhora, pressionou um botão, fazendo soar um velho gongo.

No inverno anterior, passamos muitas horas planejando nossa viagem para o verão de 1964. A mãe, isto é, eu — convertida à Igreja, sentia uma responsabilidade muito séria — genealògicamente falando.

Quando eu tinha 13 anos, ao visitar êsse mesmo Vale de Tulpehocken, escutei com muita atenção as histórias de vovó. Ela apanhava sua Bíblia de família, *Die Familien Bibel,* tôda escrita em caracteres alemães. Mostrava-me onde seu pai, Elia Bomberger, havia registrado seu casamento, os nascimentos dos filhos e as mortes dos membros da família, quando estas ocorriam. Atrás da Bíblia havia fotografias de minha avó em diversas idades, de seus irmãos e irmãs, de seus pais na juventude e dos avós paternos e maternos. O livro despertou-me interêsse e eu o manuseei com tal ternura que ela disse:

"Andei dividindo minhas coisas, tentando dar algo a cada um para entesourar. Você pode ficar com êste livro. Eis aqui um outro tesouro de minha adolescência, que talvez você aprecie."

Apertei o livro de encontro a mim, imaginando com o que poderia retribuir-lhe. Ela saiu manquejando do quarto, com a bengala. Quando voltou, trazia nas mãos uma caixa azul, que antes contivera papelada e agora entesourava relíquias de sua juventude.

Em primeiro lugar vinha uma cadernetinha prêta, que teria uma grande influência em minha vida. Ela entregou-a e disse:

"Winifred, sei que você gosta muito de ler. Escrevi nesta cadernetinha os títulos de muitos livros e histórias que li e apreciei. Você gostaria de ler alguns dêles?"

No verso da primeira página dêsse livreto estava escrito, "O prosélito," de Susan Ertz, a história de um grupo SUD que veio da cidade de Lago Salgado em uma das companhias de carrinho de mão. Êsse livro levou-me a ler o Livro de Mórmon na biblioteca. Eu o lí quando tinha quatorze anos e êle converteu-me ao evangelho.

Na parte de trás da cadernetinha, vovó retirou um papel dobrado. Era um gráfico genealógico de seus ancestrais, até o ano de 1750. Os mesmos vieram com milhares de outros emigrantes da área onde nascia o Reno, entre a Alemanha e Suíça. Os descendentes dos alemães palatinos são agora chamados

Uma viagem genealógica repleta de emoções

GENEALOGIA

de holandeses da Pensilvânia, aí chegados na metade do século dezoito, para praticar sua religião e seu modo de vida livremente. William Penn, sabendo da perseguição dêste povo na Alemanha Setentrional, Suíça e França, convidou-o para aliar-se aos quakers da Pensilvânia. Alguns dêsses ancestrais eram menonitas, outros moravianos, luteranos ou pertencentes à Igreja reformada, mas todos eram pessoas religiosas, que buscavam a Deus e tencionavam adorá-lO. Na Pensilvânia, os menonitas suíços viviam próximos aos suíços da Igreja Reformada e davam-se muito bem uns com os outros. Na Suíça, as pessoas pertencentes a essas fés eram inimigas ferrenhas.

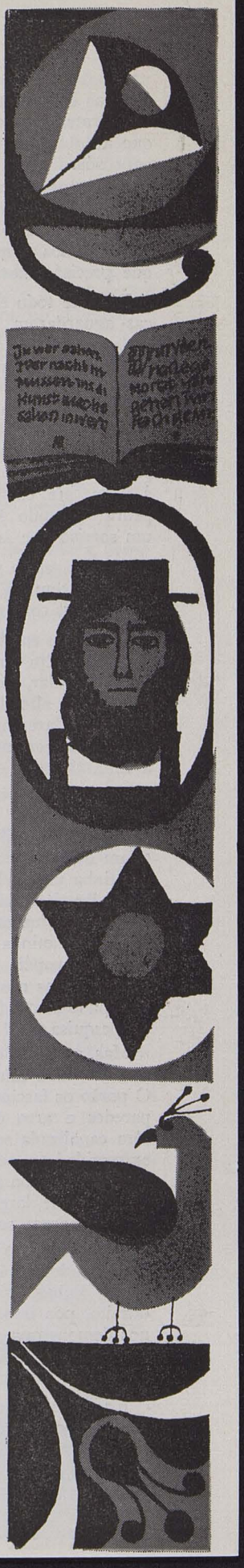
Vinte e sete anos se passaram desde aquêle dia em que vovó entregou-me seus tesouros. Foram êles que dirigiram meus primeiros passos pela estrada da Igreja, a fim de que o trabalho templário daqueles ancestrais pudesse ser realizado. Aos vinte e um anos, depois de batizada, comecei a trabalhar sòzinha em minhas pesquisas genealógicas, usando o registro de vovó como guia na localização de registros de nascimento, casamento e falecimento das pessoas mencionadas no gráfico. Esta tarefa singular cresceu, atingindo tôda a família, que planejou um passeio ao leste, no ano de 64, a fim de visitar parentes e realizar pesquisas genealógicas. Os filhos e seus interêsses estavam incluídos em nossos planos para uma excursão genealógica.

Aquela região rural é notória por sua beleza e fertilidade. Todos os nossos ancestrais foram fazendeiros e, portanto, a idéia de permanecer alí enquanto fazíamos pesquisas era bem natural.

Tínhamos alguns gráficos genealógicos contendo as novas informações que havíamos localizado a respeito da família. Planejávamos mostrar êsses gráficos a tôdas as pessoas que encontrássemos naquela área, enquanto realizávamos pesquisas e localizávamos parentes. Os que moravam por alí planejaram uma reunião durante a nossa visita. Êste seria um ótimo lugar para mostrá-los. Em nosso livro de registro incluímos uma fôlha de grupo familiar, contendo a informação que obtivemos a respeito de cada família no gráfico genealógico. Também levamos conosco uma resma de fôlhas de trabalho, a fim de que a informação contida em cada fonte pudesse ser registrada numa fôlha em separado. Dêsse modo teríamos um registro exato das fontes verificadas. Fizemos, então, um esbôço das coisas que estavam à disposição na biblioteca da Cidade de Lago Salgado, a fim de que não dispendêssemos tempo e dinheiro copiando o material em outra parte.

Através de todo êsse período de preparação, oramos em família para pedir orientação nos esforços de encontrar os registros dos ancestrais. Oramos para que o Senhor nos guiasse a essas pessoas e registros, os quais nos forneceriam a maior parte das informações.

Depois de visitar alguns dos lugares históricos de nossa Igreja, dirigimo-nos a Blufton, Ohio, à Sociedade Histórica Menonita. Essas pessoas têm realmente o espírito de Elias. São ativas ao colecionar as histórias e registros de seus familiares e são altruístas ao partilhá-las com os outros. Eu havia escrito anteriormente a seu bibliotecário, o Dr. Delbert Gratz, que se encontrava na Europa coligindo dados e história de algumas famílias menonitas. Quando chega-



mos a Blufton, descobrimos que o Dr. Gratz tinha deixado a ordem de que a biblioteca permanecesse aberta para nós.

Passamos um curto período de tempo alí, depois nos dirigimos para a Pensilvânia, onde *sabíamos* que reencontraríamos a maioria dos registros que precisávamos.

Durante todo êsse tempo, as crianças aguardaram a semana que passaríamos na Fazenda Tulpehocken e agora lá estávamos. Uma senhora havia atendido à campainha. Conversou com meu marido por alguns minutos. Depois desceram os degraus do alpendre, atravessaram o gramado espaçoso e seguiram a mureta de tijolos à vista, até chegar a outra casa de pedra. Quando Jim regressou, tinha um sorriso que ia de orelha a orelha.

"Todos estão feitos sardinha em lata. Desçam. Vamos ficar na *Casa Primavera,* construída em 1732."

Acenamos em direção à casa da qual êle viera. Era uma construção de pedra retangular, com dois andares construídos no alto de uma colina e três outros andares no sopé da mesma. Podíamos ver um arco aberto sob a casa.

Havia um alpendre atravessando a frente da casa. Tanto a porta que dava para o vestíbulo, como a cozinha, saíam dêsse alpendre. A casa de pedra tinha uma beleza colonial simples, o que lhe dava calor e segurança. Na sala havia uma escada, como também uma escrivaninha especialmente dedicada aos papéis genealógicos. Espalhamos alí os nossos mapas, a fim de que pudéssemos fazer alguns planos de pesquisa.

Mas, antes, as crianças queriam nos mostrar cada cantinho da velha casa. O porão os fascinou com suas grandes paredes e arco de pedras. A fonte fôra canalizada sob a parede, de uma extremidade a outra do porão, até a cozinha. No porão da cozinha havia uma enorme lareira onde a dona da casa preparara suas refeições.

Estávamos no mundo dos nossos antepassados. Já havíamos traçado nossas linhas principais até o século dezoito, por isso a presente pesquisa nos demonstrava a época em que fôra construída a casa. Imaginamos que espécie de família teria vivido alí.

Na manhã seguinte dirigimo-nos aos campos verdes e férteis, localizando cemitérios, de onde copiamos os dados dos túmulos. Nisto as crianças eram ótimas ajudantes. Cada uma apanhava uma lista de nomes e percorria a fileira de túmulos em busca dos nomes próprios. Quando localizavam um nome, ficavam emocionadas com a descoberta, e cada uma mantinha um marcador de contagem, para ver quem descobria mais.

Passei um dia pelo Tribunal de Justiça do Condado de Lebanon e copiei as datas dos acontecimentos que estavam registrados depois de 1850. A Sociedade Genealógica de Lago Salgado não os havia microfilmado.

Naquela noite, Helen Sprecher, a secretária da Sociedade Genealógica do Condado de Lebanon, abriu a biblioteca e permitiu que eu verificasse as coleções de documentos antigos.

Um outro dia fomos à Sociedade Histórica do Condado de Berks, em Reading. Enquanto eu verificava os índices de arquivos que não se encontravam em nossa sociedade genealógica, Jim levou as crianças ao museu da sociedade. No dia seguinte eu lá voltei e encontrei quatro gerações e grupos familiares para adicionar à minha linha Stein. A mesma remontava ao ano de 1623.

No dia seguinte estávamos no cemitério da Igreja Reformada de Tulpehocken, verificando outras lápides. Três dias depois nos despedimos da velha Casa da Primavera e da beleza do Vale Tulpehocken. As crianças deram olhadas furtivas para trás até o perderem de vista. Tinham aprendido muito a respeito do vale, onde grande parte de seus ancestrais haviam vivido, sôbre seu modo de vida e as coisas que haviam sido importantes para êles.

Um pouco antes de nossas férias terminarem, reunimo-nos em casa de meu primo, para a reunião anual da família Swope.

Distribuímos cópias dos gráficos genealógicos que havíamos preparado e explicamos qual o progresso que fizéramos na busca de nossos ancestrais. Isto também deu oportunidade a Jim de explicar o evangelho a nossos parentes. Êles tinham muitas perguntas a fazer; a discussão durou até depois da meia-noite.

A hora da partida foi muito triste, mas prometemos que retornaríamos, assim esperávamos, em um futuro não muito distante, para outra reunião e continuação de nossas pesquisas genealógicas. Coligiríamos muitos dados e fontes, o que manteria a busca ativa por muitos meses.

Quando a viagem de volta iniciou-se, as crianças começaram a planejar e sonhar com a próxima.

Uma delas disse, "Quando será que poderemos voltar novamente?" Outro afirmou, "Na próxima vez vamos passar nossas férias na Casa Primavera, na Fazenda Tulpehocken, fazendo pesquisas genealógicas; peça a vovô e vovó que permaneçam conosco."

"Está bem," respondeu o pai. "Todos terão de economizar para que as férias venham o quanto antes possível."

"Ótimo!" Disseram as crianças em uníssono. "Fazenda Tulpehocken, aqui vamos nós!"

Winifred M. McLachlan

*

(cont. p. 31)

Melhor dizendo, não está usando sua natureza espiritual.

Mas será que o homem pode ser cientista e religioso ao mesmo tempo? A resposta é sim. Se êle desejar cumprir com os requisitos dos dois métodos, poderá vir a descobrir a verdade. Isto porque evidentemente os dois métodos são exclusivos, isto é, não se contradizem. Como já se afirmou, são diferentes apenas porque investigam níveis diferentes ou dimensões distintas de realidade e, por razões práticas, cada um defende e impõe certas limitações ao seu uso.

Se um homem está interessado em tôda a verdade, qualquer que seja o seu nível, precisa saber usar êsses dois métodos. O primeiro êle aprende com dedicação e incansável esfôrço. E o outro, pode aprender a usar com freqüência, embora não com exclusividade, sendo receptáculo da verdade revelada através de uma ordem anteriormente determinada.

Quanto mais estudo sôbre ciência e religião, melhor compreendo que os dois campos são sòmente um, como também tive consciência de que a natureza física e espiritual do homem é realmente uma entidade eterna e que ambas formam a alma do ser humano.

Sacerdócio de Melquisedeque

Pergunta: *Discutindo sôbre os princípios do evangelho e as condições da pré-existência, perguntou-se dos que nascem com algum defeito físico ou mental, se estão sendo punidos por seus atos no mundo espiritual. Poderia, por favor, responder se isto é verdadeiro ou não?*

Haveria Defeitos Físicos na Pré-Existência?

Joseph F. Smith

Resposta: Uma resposta afirmativa a esta pergunta é que não me parece verdadeiro e nem tem a mínima justificativa. O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith o seguinte:

"Todo espírito do homem no princípio era inocente; e tendo-o Deus redimido da queda, o homem se tornou outra vez, em seu estado de infância, inocente diante de Deus.

"E aquêle ser perverso pela desobediência e por causa da tradição de seus pais, vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade." (D&C 93:38-39)

Podemos concluir que um defeito físico, surgido ao nascer, é devido a um acidente ou qualquer outra causa de característica mortal e não algum defeito pré-mortal ou castigo do mundo espiritual. Quando os discípulos perguntaram ao Salvador sôbre o homem que havia nascido cego, se o defeito era devido a condições existentes no mundo espiritual, Êle assegurou-lhes que não era assim. Temos razão para crer que cada espírito que vem à terra é santo e livre de defeitos na pré-existência.

A mortalidade está sujeita a leis bem diferentes daquelas que existem no mundo espiritual, evidentemente. Os defeitos de nascença devem ser considerados como resultado de condições adversas do mundo mortal. Viemos a êste mundo, que está sujeito a condições mortais. As doenças e deformidades devem ser consideradas como fatôres negativos, resultantes das condições imperfeitas da mortalidade. Não se coaduna com as condições celestiais, que um defeito de natureza física, evidentemente pertencente ao corpo, não ao espírito, possa existir no mundo espiritual.

Aprendemos pelas escrituras, que nós, filhos dêste mundo, somos a descendência de Deus. Citarei duas passagens, aceitas pelos santos dos últimos dias. Numa visão, dada ao Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon, em fevereiro de 1832, foi-lhes ensinado que os filhos dos homens são espiritualmente "filhos e filhas gerados para Deus." (Idem 76:24) A outra passagem é a declaração do Apóstolo Paulo, ao ensinar os gregos no Areópago, os quais estavam diante do altar com a inscrição "AO DEUS DESCONHECIDO." Evidentemente aquêles gregos tinham diante de si a afirmativa de que somos a "descendência de Deus." Contudo, Paulo, em seu discurso, chamou a atenção dêles para essa afirmativa correta e depois falou a respeito da maneira acertada de se adorar o Ser Supremo, dizendo-lhes:

"O Deus que fêz o mundo e tudo que nêle há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens;

"Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois Êle mesmo é quem dá a todos a vida e a respiração e tôdas as coisas;

"E de um só fêz tôda a geração dos homens, para habitar sôbre tôda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites de sua habitação;

"Para que buscassem ao Senhor, se por ventura, tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós;

"Porque n'Êle vivemos e nos movemos e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração.

"Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro ou à prata ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens." (Atos 17:24-29)

A idéia de que as pessoas talvez sejam deformadas, cegas ou mutiladas antes de nascer, parece-me, é crença do passado.

Contudo, é noção ridícula que a descendência de Deus possa ser sujeita a defeitos espirituais antes de nascer para a mortalidade. Somos sujeitos a tôdas as vicissitudes da existência temporal, doenças e defeitos físicos, bem como saúde, mas tais coisas não existirão no mundo dos espíritos, nem no Reino de Deus, depois da ressurreição. O Senhor tornou isso bastante claro.

Ciência e

O Químico

Philip F. Low

"Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos dêstes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar;

"E os provaremos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;" (Abraão 3:24-25)

Esta extraordinária declaração feita por Jesus Cristo no estado pré-mortal, registrada na Pérola de Grande Valor, revela duas verdades muito importantes, concernentes à presente discussão. A primeira é que a terra foi organizada de materiais pré-existentes e, conseqüentemente, pela obediência às leis físicas pré-existentes que os governavam. A segunda verdade é que Deus estabeleceu certas leis morais e religiosas e mandou-nos obedecê-las. A ciência está relacionada com as leis físicas e a religião com as leis éticas e religiosas. Mas, são tôdas leis de Deus, e desde que Êle é um Deus de ordem, não pode haver conflito entre uma e outra. Qualquer conflito aparente deve-se ao nosso mal entendimento delas.

"A glória de Deus é inteligência..." (D&C 93:36) Seu poder e majestade originam-se de Seu conhecimento e uso sábio das leis existentes. Êle nos disse: "Portanto, sêde vós perfeitos como perfeito é vosso Pai Celeste." (Mat. 5:48). No entanto, não podemos nos tornar perfeitos até termos a inteligência que Êle tem. Conseqüentemente, devemos esforçar-nos para aprender a verdade de tôdas as coisas, não só de natureza científica, mas também de natureza religiosa.

Agora vem a pergunta, "Como se encontra a verdade? Como se pode saber o que é uma lei e o que é uma teoria?" O caminho para achar-se a verdade na ciência e na religião tem certa semelhança. Em ambos os casos, o desejo de saber a verdade é essencial. O desejo é uma fôrça motivadora; daí vem o estudo. Sem um estudo completo de literatura científica, o cientista não está preparado para formular uma hipótese valiosa. Nem está êle a par dos melhores métodos para testar sua hipótese.

Sem um estudo completo da literatura religiosa, isto é, das escrituras, o religioso não tem base para fazer um conceito sôbre Deus e Suas leis éticas. Depois do estudo vem a experiência. E esta não é sòmente reservada ao cientista. Alma, referindo-se ao método pelo qual um testemunho do evangelho pode ser obtido, disse, "...Se despertardes e exercitardes vossas faculdades *pondo à prova* minhas palavras..." (Alma 32:27) Todavia, os métodos experimentais não são os mesmos. O cientista não depende necessàriamente da oração. Êle percebe os resultados de suas experiências com seus sentidos físicos. Êle pode esperar precisamente os mesmos resultados tôda vez que fizer a mesma experiência. E êsses resultados são em grande parte interpretados pela razão. Em contraste, aquêle que procura a verdade religiosa depende fundamentalmente da oração. Às vêzes, o único teste que êle faz é sòmente o da oração. Mas, além disso, êle pode fazer experiências com os princípios de trabalho, perdão, arrependimento, etc., através da prática dêstes princípios em sua vida. Geralmente êle vê os resultados de suas experiências com os "sentidos do espírito," que são os sentidos estimulados pelos sussurros do Espírito. Em outras palavras, depois do trabalho, do perdão e do arrependimento, êle chega à conclusão, através de revelação, que o trabalho, o perdão e o arrependimento são leis de Deus.

Essa revelação pode ser feita de diferentes maneiras, de acôrdo com a vontade de Deus. Freqüentemente, os resultados de uma experiência a respeito de religião não são ponderadas pela mente humana, nem poderiam ser. Por exemplo, a experiência de uma vida de retidão, acompanhada de oração, pode levar à conclusão de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e é o Redentor do mundo. A razão humana sòzinha não nos levaria a tal conclusão.

Raramente alcança-se o perfeito conhecimento sôbre uma verdade científica ou religiosa. Quase sempre há um elemento de incerteza. Contrário à opinião popular, na ciência nada pode ser provado em tôda sua essência. O

(cont. p. 30)

Religião

O Físico

Darwin J. Harwood

Não há conflito algum entre a verdadeira ciência e a verdadeira religião. Acho que muitos dos conflitos que surgem, verificam-se na mente das pessoas que sabem pouco sôbre ciência ou religião, ou talvez pouco sôbre ambas. Êsse tipo de pessoa não está capacitado a fazer comparações entre ciência e religião.

Na minha opinião, a ciência e a religião dedicam-se a campos tão diferentes que é difícil existir conflito entre elas. Por exemplo, a ciência nada tem a ver com moral ou ética. A religião não tenta descrever a estrutura do átomo. Sòmente podemos fazer comparações em pequenas áreas onde os dois campos se encontram. Não temos o problema que Copérnico, Galileu e outros defrontaram com a igreja, a qual reagia contra o conhecimento científico que êles trouxeram ao mundo. Nossa Igreja acolhe os novos conhecimentos de tôda espécie e de qualquer origem com alegria imensa, conquanto sejam verdadeiros.

Comparando a física, em particular, com a religião, podemos dizer que a primeira trata de fôrças ou interação entre várias partículas; trata da estrutura do átomo, moléculas, núcleos, cristais e das substâncias em geral; trata do movimento dos planêtas, estrêlas, moléculas, elétrons, mésons, projéteis, etc. Nossas escrituras dizem muito pouco a respeito dessas coisas. A religião trata das relações entre o homem e Deus. Ela nos ensina o propósito e a finalidade da vida, as normas de conduta necessárias para se atingir essa meta, e o trabalho que Cristo desempenha para nos mostrar o valor da conquista dêsse objetivo. Essas coisas nunca são mencionadas em nossos livros de física.

Nossos métodos de obter conhecimentos nos dois campos são os mesmos em certas coisas, mas bem diferentes em outras. Na física dependemos dos nossos cinco sentidos para observar um fenômeno físico. Vemos principalmente a marca de um ponteiro num mostrador ou algo semelhante usado para medir o pêso de um objeto, a corrente de um circuito, a temperatura de um gás, etc. Qualquer coisa que não pode ser medida por um ponteiro num mostrador está fora da física.

Em religião, porém, tratamos de coisas espirituais, que não podem ser medidas. Não se pode medir o amor que uma pessoa devota a Deus. E nem é possível, usando-se uma fita métrica, dizer quão honesta, virtuosa ou benevolente ela é. O Senhor tem Seus próprios modos de medir essas coisas, os quais os homens não compreendem.

No caso da física, essas observações são enriquecidas, na maioria das vêzes, por experiências controladas.

Não se pode realizar experiências controladas sôbre as manchas do sol ou a aurora boreal, mas podemos fazer isto em muitas outras coisas. Qualquer pessoa pode fazer essas mesmas experiências e ter os mesmos resultados. Uma fração muito pequena do nosso conhecimento religioso é objeto de experiência. Por exemplo, eu sei que Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, apareceram a Joseph Smith no bosque; mas não posso formular uma experiência para prová-lo. O tipo de experiência que Joseph Smith teve não acontece a qualquer um, mas sòmente a certos profetas que foram pré-escolhidos, porque mostraram o seu valor e confiança na existência pré-mortal.

Muito do nosso conhecimento físico vem da inspiração, palpites, lampejos de discernimento e intuição. Pelo menos alguns dêsses conhecimentos vêm de Deus para o benefício de Seus filhos. Nosso conhecimento religioso provém principalmente dessa fonte. Na realidade, a verdadeira base de nossa Igreja é a revelação. É o processo pelo qual ganhamos conhecimento diretamente da Fonte de tôda sabedoria.

Naturalmente podemos, tanto em religião quanto em física, ganhar conhecimento pelo estudo dos escritos de outros, dos tratados científicos, dos livros e das escrituras e através do raciocínio próprio.

Em física, muitas vêzes podemos correlacionar um número razoável de fatos aceitando teorias já estabele-

(cont. p. 30)

Ciência e

O Médico

Dr. James R. Swenson

Há dois métodos principais para se obter conhecimento sôbre o homem e o universo. O primeiro é através da revelação de Deus. Êste é o método mais eficaz para se obter a verdade. Infelizmente, êsse método não é acessível a todos; não porque Deus o reserve apenas para alguns de seus amigos escolhidos, "...Deus não faz acepção de pessoas..." (Atos 10:34), mas porque sòmente algumas pessoas desejam submeter-se às condições impostas por Deus àqueles a quem Êle dá revelações.

O segundo método de conhecimento vem da observação, investigação, experiência e análise, com o propósito de formular-se teorias e leis. Êste processo é chamado "ciência" e é acessível a todos. Um bom cientista deve ter a mente perspicaz e inquiridora, amor pela verdade, habilidade para organizar e interpretar corretamente os fatos que consegue juntar, para que seja inteiramente imparcial e sem preconceitos. O verdadeiro cientista está interessado em fatos e em verdades, não sòmente em provar seu ponto de vista.

A História nos tem mostrado que, em vários assuntos, há diferenças entre o que os profetas e a ciência ensinam.

Muitos interpretam isso como um conflito entre ciência e religião e concluem que, se uma está certa, a outra deverá estar errada e, em conseqüência, deve ser totalmente negligenciada. Desde que a ciência tem resolvido eficazmente muitos dos problemas de hoje, e desde que a religião trata de coisas menos tangíveis, muitos têm negligenciado a religião pela ciência. Quão mal informadas estão essas pessoas!

Consideremos, por um momento, o método da ciência. O cientista observa o mundo e tenta interpretá-lo através de sua mente e sentidos. Mas isto é perigoso, porque somos limitados por nossos próprios sentidos e métodos de raciocínio. Por exemplo, o nosso ôlho percebe sòmente certas faixas de ondas luminosas do espectro eletromagnético, e isto nos dá uma imagem falsa e limitada da realidade. Também as chamadas leis científicas são baseadas nas leis das probabilidades. Isto quer dizer que se um incidente, depois de ter sido observado certo número de vêzes, ocorrer sempre do mesmo modo, será então chamado de lei, porque todos estão convencidos de que realmente assim acontece. Mas, muitas das chamadas leis científicas têm sido mudadas através dos anos.

A maior parte de nosso conhecimento científico foi adquirida nas dez últimas gerações. Qual o significado disso? A analogia aceita por Lecomte du Noüy ajudará a esclarecer a minha opinião. Suponhamos que houvesse uma colônia de micróbios vivendo no casco de um camelo e que o animal em consideração andasse pelo deserto. Os micróbios viveriam numa rachadura de meio centímetro de profundidade, o que para nós seria equivalente a 1.940 m. Êles teriam um longo período de vida — 4 gerações por dia. Depois de 10 gerações — cêrca de três dias — os micróbios mais inteligentes observariam a variação cíclica do escuro e do claro, enquanto o camelo caminhasse.

Êles testaram, observaram, registraram, e analisaram o fenômeno, e finalmente anunciaram suas leis científicas ao mundo. Foram aplaudidos e elogiados em tôda parte. Imagine a sua surprêsa, se no quarto dia o camelo atravessasse um rio e sòmente alguns sobreviventes fôssem deixados após aquela terrível quantidade de água, fato que anularia a sua ciência. De certo modo nós somos assim. Somos tão insignificantes quanto os micróbios, quando consideramos a imensidão do espaço e os "mundos sem número..." (Moisés 1:33) Devemos nos lembrar de que mil anos para nós são apenas um ano para Deus. É tão ridículo para nós, como o seria para os micróbios, dizer a Deus que Êle está errado se nossas chamadas "leis científicas" diferem daquilo que Êle tem revelado.

Um outro conceito merece consideração. Refere-se à escala de observação. Isto quer dizer que se deve saber de que ponto uma observação é feita, antes de se fazer uma interpretação correta. Por exemplo, se misturarmos

(cont. p. 30)

Religião

O Sociólogo

Arturo de Hoyos

Quando se diz que há um conflito natural entre ciência e religião, podemos estar certos de que a afirmação baseia-se na falta de conhecimento sôbre a ciência ou religião, ou mesmo sôbre ambas.

É verdade que houve e ainda hoje existem grandes conflitos nesses dois campos. No entanto, tais conflitos podem ser identificados num dos itens abaixo:

1. conflito entre falsa religião e verdadeira ciência;
2. conflito entre falsa ciência e verdadeira religião;
3. conflito entre falsa religião e falsa ciência.

A verdadeira religião e a verdadeira ciência nunca estiveram em conflito. Na verdade, nem poderia estar. Os dois campos oferecem conhecimentos indispensáveis ao completo desenvolvimento do intelecto e das qualidades espirituais do homem. A verdadeira religião sempre encorajará o descobrimento e a prática da verdade científica. A ciência, por outro lado, pode confirmar as afirmações da verdadeira religião, quando o sempre crescente conhecimento científico trouxer o objeto de tais afirmações para dentro de sua esfera de ação.

A verdade na religião consiste essencialmente em explicações ou informações sôbre a natureza ou ordem de certos fenômenos para os quais, de imediato, não se encontra uma evidência física válida. Em ciência, o equivalente a isto recebe o nome de teoria. A verdade científica é, em essência, a confirmação da teoria.

Desde que, por definição, a verdadeira religião jamais insinua falsas teorias, nunca poderá ser contestada pela verdade científica.

Tôdas as verdades provêm da mesma fonte, mas deve-se entender que situam-se em diferentes níveis de abstração. E desde que cada dimensão da realidade sòmente pode ser notada e entendida através da obediência às leis nas quais estão baseadas, é óbvio que o acesso aos diversos níveis de verdade exija o uso de diferentes métodos de investigação.

O método científico é diverso do religioso? Sim, na prática. Bàsicamente os dois métodos estão correlacionados, mas diferem na natureza de suas experiências.

Por definição, o método científico necessita de evidências empíricas, isto é, que podem ser observadas pelos cinco sentidos. A verdade científica é essencialmente empírica.

É requisito indispensável da investigação científica, que esta limite-se sòmente aos fenômenos notados pelos cinco sentidos do homem, ou seja, o olfato, o paladar, a audição, o tato e a visão.

Evidentemente, a ciência pode propor teorias, e com freqüência o faz, que, num dado momento, parecem referir-se a fenômenos que se acham além dos limites de nossos sentidos. Mas enquanto as descobertas oriundas dessas teorias não forem confirmadas pelos sentidos do homem, a ciência não as considera como um conhecimento verdadeiro. Como qualquer teoria científica pode ser considerada falsa, há uma enorme diferença entre a teoria e o fato científico. Verdade científica é, então, o tipo de verdade adquirido e testado repetidas vêzes através dos sentidos do homem, os quais são de natureza física.

Mas o homem não possui apenas cinco sentidos. Êle é mais do que carne e ossos; é também espírito. A natureza do homem é tal, que o faz testificar a si próprio ser mais que um simples corpo físico.

Através da história da humanidade, os grandes poetas, escritores, filósofos e até o homem comum de tôdas as sociedades e culturas, testemunham que o homem é mais do que simplesmente carne e ossos. Outrossim, os maiores livros e os mais inspirados registros da história testificam eloqüentemente que a natureza não física do homem é a mais pura que êle possui.

Na verdade, o homem é um espírito ao qual foi dado um tabernáculo de carne, a fim de poder gozar experiências especiais na terra. Conseqüentemente, se o homem é também espírito, haverá um método, através do qual êle poderá obter conhecimento espiritual?

(cont. p. 31)

CIÊNCIA E RELIGIÃO — O Químico

(continuação da pág. 26)

método experimental pode alterar um sistema que está sendo estudado. Como ilustração, para estudar a disposição de partículas em um solo, uma amostra pode ser removida da terra. Mas o ato de remover o solo pode desarranjar a disposição das partículas ou os instrumentos usados nas experiências talvez sejam insuficientemente sensíveis. A estimativa analítica não pode pesar a perda de massa numa reação química. Mas isso não significa que a perda deixa de ocorrer. E, embora possa se fazer inúmeras experiências, sempre haverá a possibilidade de que a próxima talvez contradiga as outras já feitas. Em religião, o perfeito conhecimento pode vir sòmente pela revelação, Há poucos, porém, que estão qualificados para recebê-lo. Talvez tenhamos pouco desejo de aprender a verdade. Talvez não estudemos o suficiente. Nossas experiências podem ser inadequadas. Ou os nossos "sentidos espirituais" possìvelmente não estejam desenvolvidos o bastante na prática de receber comunicações de nosso Pai Celestial. Na ausência de um perfeito conhecimento, a fé é essencial na ciência e na religião e, em minha opinião, na mesma proporção em uma e na outra.

Ninguém, neste período de vida, seja cientista ou religioso, pode fazer tôdas as experiências necessárias ao estabelecimento da verdade sôbre uma idéia ou crença. Por essa razão, devemos confiar nas experiências de outros até certo ponto. Devemos considerar cuidadosamente as experiências e idéias resultantes de homens como Pasteur, Newton e Einstein. E com o mesmo cuidado, ou até mais, devemos considerar as experiências e conceitos de Abraão, Moisés, Paulo, etc.

Êstes homens tiveram grande conhecimento científico e religioso. Procuraram fervorosamente pela verdade e descobriram muita coisa em ambas. Há muitos bons resultados que podemos aprender dêles e de outros como êles.

Como conclusão, gostaria de dizer que respeito a ciência e os métodos científicos. Amo minha profissão de cientista. Sinto que meus esforços na ciência estão revelando verdades para ajudar a humanidade. Gostaria, também, de encorajar todos os jovens a considerarem a ciência como uma carreira. Contudo, tenho testemunho de que o Evangelho de Jesus Cristo é mais importante à nossa felicidade eterna do que a ciência. É muito mais importante ter resposta às perguntas — "De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou depois desta vida? E como chegarei lá?" — do que saber a química de uma partícula de argila, a biologia de uma baleia, a física de um transístor. Por esta razão, em qualquer escala de valôres, a religião deve ter primazia, pois "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Marc. 8:36)

●

CIÊNCIA E RELIGIÃO — O Físico

(continuação da pág. 27)

cidas. Essas teorias muito ajudam a predizer um fenômeno físico. Mas na história da física, as novas teorias têm suplantado as velhas, que se supunham ser verdadeiras.

Na minha juventude, pensava que os cientistas sabiam tudo. Desde então, tenho visto que a ciência sòmente soluciona os problemas mais fáceis e deixa os mais difíceis, que são inúmeros, e também os que ainda não podem ser solucionados. Além disso, cheguei à conclusão de que muitas coisas que os cientistas dizem saber são erradas.

Em nossa religião, não obtivemos nossa crença através da teoria de um matemático, mas de profetas que recebem revelações diretamente de Deus. Qual delas mereceria maior confiança? Às vêzes os homens falham ao reconhecer quando certas profecias são cumpridas, mas temos certeza de que tôdas elas serão cumpridas.

Eu vejo as leis da natureza como instrumentos de Deus, pelas quais Êle governa o universo. Os homens têm um conhecimento imperfeito dêsses instrumentos, mas espera-se que estudem e aprendam mais das leis naturais de Deus, bem como de Suas leis espirituais.

Acho que nunca chegaremos a provar uma religião através da ciência. Isto forçaria os homens educados cientìficamente a acreditar nos princípios do Evangelho. Tal não é parte do plano de Deus.

Em minha educação na Igreja e nos campos da ciência, não vejo um ponto sequer onde os ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entrechocam-se com os princípios científicos já estabelecidos. Eu diria, também, que nossa Igreja aceita êsses pontos muito mais que qualquer outra.

Além disso, afirmo às pessoas desejosas de saber a verdade sôbre qualquer princípio, que o único caminho para ter certeza absoluta é perguntar a Deus, porque Êle responde as orações humildes dos homens; e que êste Evangelho é verdadeiro, presto meu testemunho sincero, o qual deixo a vocês, em nome de Jesus Cristo. Amém.

●

CIÊNCIA E RELIGIÃO — O Médico

(continuação da pág. 28)

quantidades iguais de areia branca e prêta, teremos uma mistura cinza. Nisto todos concordamos. No entanto, o micróbio veria enormes pedras arredondadas, brancas e prêtas. Seria absurdo discutir sôbre o que nós vemos e o que o micróbio vê, porque ambos estamos certos. A diferença está na escala de observação. Interpretamos o mundo de nossa escala de observação, enquanto Deus o vê da Sua. Alguns criticam a religião porque é algo que não pode ser visto; mas nem o elétron e nem o átomo podem ser vistos tampouco, e no entanto, sabemos que êles existem. Isto nos faz lembrar de uma verdade muito importante — que a existência de certas coisas é provada, não pelo tamanho, mas pelo efeito que tem sôbre outras coisas. Certamente todos sabemos o efeito que Deus e o Evangelho têm sôbre cada um de nós. Não é possível negar a existência de Deus sòmente porque não podemos vê-lO. A maioria de nós foi tocada pelo Espírito Santo, e então chegamos a saber de Sua existência tão seguramente como o físico conhece o átomo, uma partícula que êle jamais viu.

Mas, o que significa tudo isso? Para mim significa que, quando a ciência e a religião se entrechocam, vários fatôres podem estar influindo. Primeiro, os homens podem estar falando de dois assuntos que não têm relação um com o outro. Segundo, duas diferentes escalas de observação

podem estar influindo na diferença. Terceiro, a ciência pode ter colhido fatos e feito observações incorretas ou incompletas. Quarto, a ciência pode ter colhido fatos corretos e tê-los interpretado mal. Quinto, os homens podem estar ensinando uma revelação falsa. É o ensino religioso deturpado durante a apostasia que mais se entrechoca com a ciência. Eu não conheço nenhuma revelação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que se entrechoca com os ensinamentos da ciência, a não ser que o conflito esteja na mente dos homens, porque a verdade é verdade "eterna, imutável..." (hino "A verdade ó que é?" n.º 119, de John Jaques)

O profeta Alma deu-nos uma importante lição, quando estava ensinando seu filho Coriânton sôbre a ressurreição. Êle disse o que sabia, e daquilo que não sabia, falou: "...não importa;..." (Alma 40:5) Não temos tôdas as respostas. Há muitos mistérios. Mas, nós, na verdade, temos o conhecimento necessário para a exaltação. Quando me defronto com um conflito aparente entre ciência e religião, o qual não posso resolver com o meu conhecimento da ciência e da Igreja, digo a mim mesmo, "Não importa!" E coloco o conflito num lugar onde não me possa perturbar.

Mórmon nos diz isso no prefácio do Livro de Mórmon. "...e agora, se há êrro são erros dos homens; portanto, não condene as coisas de Deus..." Eu gostaria de parafrasear e dizer, "Se há conflito entre religião e ciência, deve-se isto aos erros dos homens; portanto, não condene as coisas de Deus, para que possa ser encontrado sem mancha no julgamento de Cristo."

A ciência ensinou-me a maravilha do universo. Mostrou-me a inteligência e o trabalho do Senhor. Vejo Suas mãos em tôda a natureza. Enquanto estudo o intricado corpo humano, aprendo cada vez mais que sòmente Deus poderia tê-lo criado. Penso que a maioria dos cientistas concorda que a vida foi criada por um Ser Superior. Mesmo suas próprias leis de probabilidade provam isto.

Eu sei que há um Deus. Sei que Êle governa o Universo. Sei que Êle responde nossas orações. Não possuo um conhecimento perfeito d'Êle e do Seu Evangelho, porque não tenho os olhos só em Sua glória, mas estou progredindo. Sei que o Espírito Santo existe, porque senti Sua influência. Acredito de todo o meu coração, fôrça, mente e alma, que todos os presidentes desta Igreja foram profetas de Deus, que ela é verdadeira, que o Livro de Mórmon é verdadeiro, e que Cristo vive e virá outra vez.

Por fim, lembre-se disto quando a ciência afetar sua fé: o Senhor declarou que a sabedoria dos sábios perecerá quando Êle vier. Eu oro para que possamos ser fiéis à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias até o fim.

●

CIÊNCIA E RELIGIÃO — O Sociólogo

(continuação da pág. 29)

Já que o método científico é restrito à natureza dos fenômenos que ocorrem sòmente dentro de uma dimensão empírica, pode o homem utilizar-se de outros métodos para entender a dimensão não empírica? A resposta é simples e lógica: o homem pode utilizar-se de um método baseado em critérios não físicos, um método que exija o uso de seus sentidos espirituais.

Usar os sentidos espirituais significa que êle deve ter crença, confiança, esperança, fé e todos os outros sentimentos, bem como seus poderes intelectuais para reconhecer, obter e aceitar os conhecimentos espirituais. O verdadeiro conhecimento religioso é desta natureza. E chega ao homem quando êste aplica os poderes indubitàvelmente reais de sua natureza espiritual.

Assim, enquanto o testemunho dos sentidos físicos do homem foi apontado pelo mundo com o único critério para chegar-se à verdade científica, o testemunho do ser humano completo, em particular seus sentidos espirituais, podem fornecer-lhes as verdades religiosas.

O método para obter-se a verdade religiosa é chamado de revelação. Verdade religiosa é essencialmente verdade revelada. O método da revelação exige exercício dos sentidos espirituais. Quando o homem utiliza-se dêsse método, está movimentando seu maior poder como ser humano, pois através dêle atingirá a espécie de conhecimento que preenche suas profundas e fundamentais necessidades. Êle obtém resposta às perguntas que não podem ser respondidas de outro modo, tal como o propósito da vida, o significado da morte, a natureza das relações entre os homens, a natureza de suas relações com o Criador dêste maravilhoso universo.

O método científico e o religioso impõem limitações para o seu emprêgo. E sua exclusividade mútua é mais uma questão de ordem e prática, do que uma diferença básica, pois ambos os métodos são inteiramente funcionais dentro de suas respectivas esferas.

O método da revelação exige que o homem distinga as limitações de sua natureza física e saiba que a confiança sòmente no conhecimento empírico não poderá satisfazer seu constante e forte desejo de esclarecimento para suas experiências físicas, emocionais e intelectuais. Quanto antes o homem aceita as limitações de sua natureza física, mais depressa desenvolve a habilidade de exercitar sua natureza espiritual. Porém, quanto mais êle despreza o lado espiritual para conhecer a verdade, tanto mais cria ciência sem humanismo.

A pessoa sábia, capaz de entender êstes dois pontos, logo compreende que o método científico é realmente a forma do homem chegar à verdade e que a revelação é o meio pelo qual o Criador nos concede essa mesma verdade; compreende, também, que em ambos os casos, ela própria é a beneficiada. Além disso, torna-se evidente que os dois métodos são corretos e legítimos, tendo sido designados para enriquecer o homem com um conhecimento das coisas como foram, como são e como serão.

Lamentàvelmente, quando o homem confunde os dois métodos, dá origem a conflitos entre a religião e a ciência. Se o homem tenta chegar à verdade religiosa só pelo uso do método científico, isto é, através dos cinco sentidos, fracassará por duas razões principais. Primeiro, porque usando o método científico para investigação dos fenômenos espirituais, transgride a exigência básica daquele método, cujo uso é limitado aos fenômenos físicos, os quais podem ser percebidos com os sentidos físicos e podem ser julgados de acôrdo com a sua vontade. Em segundo lugar, êle fracassa porque não está usando seus poderes e direitos. (cont. p. 24)

CIÊNCIA SOCIAL
NOSSA HERANÇA DO SACERDÓCIO

Alberta Christensen

Objetivo:

Fazer com que as senhoras da Sociedade de Socorro compreendam a imporbem como conheçam sôbre suas chaves e chamados especiais e seu significado para as mulheres.

Introdução:

O que é sacerdócio? "É a norma e govêrno de Deus, tanto na terra como no céu; é o único poder legítimo, a única autoridade reconhecida por Êle, para governar e regularizar os assuntos de Seu reino." (Journal of Discourses, I: 224)

"Não é nada mais, nada menos do que o poder de Deus delegado ao homem, pelo qual êste pode agir na terra para a salvação da família humana, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agindo legalmente; não apropriando-se do mesmo, nem tomando-o de gerações anteriores, mas pela autoridade recebida nos dias atuais, por intermédio de anjos ministradores e espíritos elevados, vinda diretamente da presença do Deus Altíssimo. " (Joseph F. Smith, Gospel Doctrine, (5.ª edição, pgs. 139--140.)

1. *O evangelho é eterno*

O evangelho é eterno, ou é de eternidade para eternidade e nunca deveremos nos esquecer de que o período de tempo no qual vivemos não existe isoladamente, mas é parte integral da eternidade.

O evangelho tem um passado compreensível, bem como um futuro infinito. Somos parte de algo grande e maravilhoso.

Êste mundo foi organizado pelo poder de Deus, por causa de Seus filhos espirituais. Mesmo desde a Criação, Adão possuía o poder e autoridade do Santo Sacerdócio.

2. *Adão, o primeiro a receber o sacerdócio*

O Profeta Joseph Smith declarou: "O sacerdócio foi dado primeiramente a Adão, que o obteve da Primeira Presidência e portou suas chaves de geração em geração. Adão o obteve na Criação, antes do mundo ser formado, como vemos em Gênese 1:26-28. Êle tinha domínio sôbre tôdas as criaturas viventes. É o Arcanjo Miguel, mencionado nas escrituras. Depois, passou-o a Noé, que é Gabriel, o qual está próximo a Adão em autoridade no sacerdócio; Deus o chamou para êsse ofício; foi o pai de todos os sêres viventes naqueles dias e a êle foi dado o domínio. Êsses homens portaram as chaves, primeiramente na terra e então nos céus." (Teachings of the Prophet Joseph Smith, compilado por Joseph F. Smith, segunda edição, p. 157).

Com o decorrer dos anos, Deus deu aos mortais a oportunidade de participar e gozar dessa divina influência. Elevou muitos, para serem abençoados com as chaves e chamados especiais do sacerdócio.

3. *Outros que possuíram as chaves*

Adão, ou Miguel, possuíu as chaves do sacerdócio de geração a geração, o mesmo acontecendo com Noé, ou Gabriel.

Para Elias, "confiei as chaves do poder para conversão dos corações dos pais aos filhos, e os corações dos filhos aos pais, para que tôda a terra não seja ferida com uma maldição." (D&C 27:9)

Para Pedro, Tiago e João, Êle confiou as chaves do ministério durante a dispensação em que foram mortais (D&C 27:12, vide também João 15:16)

Para Joseph Smith e Oliver Cowdery, o Senhor também disse: "A quem confiei as chaves do Meu reino e a dispensação do evangelho para os últimos dias; e para a plenitude dos tempos, quando reunir em uma tôdas as coisas tanto as que estão no céu, como as que estão na terra" (D&C 27:13)

4. *Convênios com Jeová*

Além dêstes e outros que possuíram as chaves especiais, houve alguns que receberam chamados especiais. Certamente Abrão, Isaque e Jacó, com seus convênios invulgares com Jeová, são exemplos apropriados. Talvez a declaração mais comum sôbre o convênio seja aquela registrada no livro de Abraão, (Leia PGV, Abraão 2:8-11)

Desde a criação do mundo até nossos dias, o Senhor providenciou e preservou as chaves do santo sacerdócio, para que Seus filhos pudessem gozar os direitos, os privilégios e as bênçãos que lhe são associadas. O Senhor providenciou, igualmente através de chamados e convênios especiais, tais como os de Abraão, Isaque e Jacó, a continuação de orientação e bênçãos a Seus Filhos espirituais. É por meio dessas chaves, convênios, poderes e bênçãos, que o evangelho tornou-se disponível a nós. (*Atividade*)

Peça às alunas da classe para identificarem o papel das seguintes pessoas na herança do sacerdócio: Adão, Noé, Elias, Abraão, Jacó, João Batista, Pedro, Tiago e João.

5. *O Senhor toma o Sacerdócio Maior de Israel*

Desde os dias de Adão até o ministério de Moisés, houve uma contínua linhagem daqueles que possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque. (D&C 84:6-16)

Na dispensação de Moisés, "confirmou o Senhor um sacerdócio sôbre Aarão e sua semente, através de tôdas as suas gerações, cujo sacerdócio também continua e permanece para sempre com o sacerdócio, segundo a santíssima ordem de Deus." (D&C 84:18)

O Senhor revelou em nossos dias, que Moisés ensinou os filhos de Israel, a fim de que pudessem ser santificados e contemplassem a face de Deus. "Mas êles endureceram seus corações e não puderam suportar a Sua presença; portanto, o Senhor na Sua cólera, pois Sua ira estava acesa contra êles, jurou que enquanto no deserto, êles não entrariam para o Seu descanso, o qual é a plenitude de Sua glória. Portanto, tirou de Seu meio Moisés e também o Santo Sacerdócio;

"E o Sacerdócio Menor continuou, o qual possui a chave da administração dos anjos e do evangelho preparatório;

"O qual é o evangelho do arrependimento e do batismo e da remissão dos pecados e a lei dos mandamentos carnais, que o Senhor na Sua ira fêz com que continuasse na casa de Aarão entre os filhos de Israel até João..." (D&C 84:24-27)

Certa vez, quando o Profeta Joseph Smith foi argüido se o Sacerdócio de Melquisedeque tinha sido levado com Moisés, respondeu, "Todo sacerdócio é de Melquisedeque, mas há diferentes partes ou graus dêle. Aquela porção que fêz Moisés falar face a face com Deus foi levada, mas a que o ministério dos anjos trouxe, permaneceu. Todos os profetas possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque e foram ordenados pelo próprio Deus." (Teachings of the Propht Joseph Smith, compilado por Joseph F. Smith, pgs. 180-181, 1938)

Então vemos que, por causa da perversidade de Israel, o Sacerdócio de Melquisedeque (ou a parte mais elevada do sacerdócio), que continuou entre os homens desde Adão até à dispensação de Moisés, foi tirada de Israel por Moisés. Depois daquela época, apesar de os profetas terem surgido de tempos a tempos (os quais receberam o Sacerdócio de Melquisedeque, como Isaías, Jeremias e Elias), o povo de Israel ficou sem o Sacerdócio de Melquisedeque e sob a jurisdição do Sacerdócio Aarônico. Melhor esclarecendo, a parte do sacerdócio que permaneceu foi a aarônica.

Aarão tinha as chaves do Sacerdócio Menor e seus filhos foram chamados para ministrar com êle no ofício de sacerdote.

Depois do Senhor ter escolhido Aarão e seus filhos para ministrarem por Êle como sacerdotes, desobrigou os primogênitos masculinos das várias tribos de Israel de seus deveres sacerdotais e substituiu-os pelos homens da tribo de Leví. Assim, a nova organização consistia de: Moisés, que possuía as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque; de Aarão, que possuía as chaves do Sacerdócio Menor, dos filhos de Aarão, que eram sacerdotes junto com êle e dos levitas, que eram sacerdotes de uma ordem mais baixa.

Enquanto Aarão presidiu ao Sacerdócio Menor, êste funcionou sob a direção de Moisés, que possuia as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque. Mas quando Eliazar, o filho mais velho de Aarão, recebeu as chaves do Sacerdócio Menor e Moisés foi levado de Israel, êle (Eliazar) tornou-se o porta-voz de Deus para Israel.

Os sacerdotes de Aarão e os levitas ministraram em seus respectivos chamados, sem sérios conflitos, até a morte de Salomão. Mas, com a divisão de Israel em Reinos do Norte (ou Israel) e do Sul (ou Judá) e quando o rei Jeroboão estabeleceu a adoração de ídolos e fêz "sacerdotes do povo mais baixo, que não era filho de Leví," surgiu uma situação crítica, conforme atesta a passagem em I Reis 12:31.

Aos sacerdotes autorizados, não mais foi permitido exercer função no Reino do Norte; voltaram para Judá e com aquêle êxodo a "história do Sacerdócio Menor no Reino de Israel teve fim. Nunca, ao que sabemos, a tribo de Levi funcionou como um grupo do Sacerdócio Aarônico entre as dez tribos." (Lee A. Palmer, Aaronic Priesthood through the centuries, pg. 106, 1964)

6. *O sacerdócio permanece com Judá*

Com o tempo, as dez tribos foram levadas em cativeiro e eventualmente perderam-se. Mas o sacerdócio permaneceu forte no Reino de Judá. Contudo, através de muitas dificuldades, houve uma sucessão legítima do sacerdócio.

7. *João Batista e o sacerdócio*

Depois de Onias III (175 a. C.), houve sacerdotes legítimos que continuaram a função, mas o ofício de sumo sacerdote foi vendido e comprado e, por isso mesmo, contaminado. Sòmente quando o Senhor chamou João Batista é que houve outro sacerdote justo presidindo a Ordem Aarônica de Israel.

O nascimento de João foi um evento de importância e, igual ao do Senhor, foi anunciado na visita de um anjo. Seu pai era Zacarias, um fervoroso sacerdote de Aarão, pois sòmente a êle era permitido queimar incenso no altar. (Flavius Josephus, Antiquities of the Jews, livro IX, capítulo 10:4) e sua mãe era Isabel, uma "das filhas de Aarão". (Lucas 1:5)

O Senhor, em nossos dias, falando de João, disse que estava "cheio de Espírito Santo desde o ventre de sua mãe.

"Pois foi batizado, quando ainda na sua infância e, quando tinha oito dias de idade, por um ano de Deus, foi ordenado com êsse poder, para abater o reino dos judeus e endireitar as veredas do Senhor diante da face de Seu povo, com o fim de prepará-lo para a vinda do Senhor, em cuja mão foi pôsto todo o poder." (Doutrina e Convênios, 84.27-28)

É significativo lembrar que, quando João nasceu, as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque não estavam entre os judeus e que também as chaves do Sacerdócio Aarônico tinham sido perdidas.

A função de João, como sacerdote possuidor das chaves do Sacerdócio Arrônico, foi diferente da de seus predecessores. Durante 1.500 anos ministram no altar, fazendo oferendas e e sacrifícios. A João foi conferida a designação de preparar a vinda do Senhor, chamando todos os homens ao arrependimento, realizando ordenanças preliminares do evangelho e preparando homens para receberem dêle o poder do santo sacerdócio, que era mais poderoso que êle próprio.

8. *Os discípulos possuíram o sacerdócio*

Antes da ocasião em que o Senhor fêz o Sermão da Montanha e diversos meses antes de sua ordenação como apóstolos, alguns de Seus discípulos tinham sido ordenados sacerdotes ou receberam alguma designação do Sacerdócio de Melquisedeque, pois foram autorizados a realizar batismos. (J. Reuben Clarck Jr., Our Lord of the Gospels, pgs. 43,51 e On the way to immortality and eternal life, p. 158)

Mais tarde, 12 dos discípulos foram escolhidos e ordenados apóstolos. Na reunião com os Doze na Cesaréia de Filipo, o Senhor prometeu as chaves do reino dos céus, que lhes seriam dadas. Uma semana mais tarde, quando levou Pedro, Tiago e João consigo ao tôpo da montanha, foi transfigurado diante dêles e Moisés e Elias também apareceram diante dêles. O profeta Joseph Smith declarou que naquela ocasião o Senhor, Moisés e Elias conferiram as chaves do Sacerdócio a Pedro, Tiago e João. (Vide as passagens Mateus 16:13-20; 17:1-13)

9. *O sacerdócio é restaurado*

Os santos dos últimos dias estão familiarizados com as circunstâncias que envolveram a restauração do sacerdócio. Sabem que, na primavera de 1820, Deus, o Pai Eterno e Jesus Cristo, o Filho de Deus — o Redentor dos homens — apareceram a Joseph Smith Jr. nos bosques perto de Palmira, em Nova York. Êles lhe deram as instruções iniciais para a preparação de seu moderno chamado profético. Em setembro de 1823 e periòdicamente, pelo menos até junho de 1829, Moroni, um ser ressurecto, visitou Joseph Smith. Do mesmo modo que João Batista recebeu a palavra de Deus no deserto, sob a orientação dos anjos, Joseph Smith foi ensinado pelos professôres celestias.

10. *João Batista veio*

Quando completou-se o período de preparação inicial e o Senhor aprontou Seu jovem profeta para que agisse com autoridade em Seu nome, enviou João Batista com as chaves do Sacerdócio Aarônico. Foi em 15 de maio de 1829 que João veio. João Batista indicou "que êle agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, os quais tinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque" (Joseph Smith 2:72).

Assim, João, especialmente elevado pelo Senhor para possuir as chaves do Sacerdócio Aarônico e preparar o caminho para Cristo, restaurou o Sacerdócio Aarônico.

11. *O Sacerdócio Maior é restaurado*

Pouco tempo depois da resturação do Sacerdócio Aarônico, Joseph e Oliver Cowdery receberam o Sacerdócio de Melquisedeque de Pedro, Tiago e João.

Em 3 de abril de 1836, quatro grandes visões foram dadas a Joseph Smith e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland. Primeiramente o Senhor Jesus Cristo apareceu e aceitou o tempo como Sua casa. Então os profetas Moisés e Elias apareceram e entregaram as chaves que possuíam na terra.

O Presidente Joseph F. Smith escreveu sôbre a missão de Elias: "Alguns membros da Igreja ficam confusos ao pensar que Elias veio com as chaves do batismo para os mortos ou para dar salvação aos mortos. As chaves de Elias significam muito mais do que isso. Eram as *chaves do selamento,* as quais pertencem aos vivos e incluem os mortos que desejam arrepender-se (Doctrines of Salvation, compilado por Bruce R. MacConkie; Sermons and writings of Joseph F. Smith, vol. III, p. 130, 1956)

Numa epístola escrita por Joseph Smith, êle enumera muitos sêres dos antigos mundos, que o visitaram em várias ocasiões e então faz o seguinte registro:

"... e a voz de Miguel, o arcanjo e a voz de Gabriel e de Rafael e de diversos anjos, de Miguel ou Adão até o tempo atual, todos anunciando as suas dispensações, seus direitos, suas chaves, suas honras, sua majestade e glória e o poder de seu sacerdócio; dando linha sôbre linha, preceito sôbre preceito; aqui um pouco, ali um pouco; dando-nos consolação pela proclamação do que está por vir, confirmando a nossa esperança." (D&C 128:21)

Assim, tôdas as chaves de sacerdócio de dispensações anteriores foram restauradas na terra no começo desta última dispensação do evangelho.

Conclusão

Uma pessoa talvez não possua qualquer chave do sacerdócio, mas deverá ter plena consciência de que se o Senhor não tivesse preservado as chaves através de dispensações e restaurado o sacerdócio e suas chaves em nossos dias, a mesma não compartilharia dos direitos, privilégios e bênçãos que tem. (Sempre devemos estar atentos para que as mulheres e crianças da Igreja compartilhem completamente das bênçãos do sacerdócio).

Deixe a classe discutir quais são essas bênçãos.

Para casa

Reler esta lição para apreciar mais completamente a nossa herança do sacerdócio.

MEU CANTINHO

O mistério do índio de madeira

Conclusão

Murrey T. Pringle

Resumo: *Três garôtos e duas meninas, apelidados por êles próprios de "a turma do Pena Branca," tentam ajudar a velha senhora, Dna. Clarice, a salvar sua fortuna. Esperam poder salvar o seu lar. Ajudam, também, a prender o gatuno que tentou roubar o índio de madeira doado ao parque pela senhora. Lembram-se do verso que lhes deu a pista:*

"Mesmo morto, tenho um irmão
[vivo
Sua carne é como a minha
Mas seu coração é de pedra."

Por mais de três horas, a turma do Pena Branca procurou a árvore do tesouro no grande pomar. Dna. Clarice ajudou um pouco, mas teve de desistir. Era um trabalho exaustivo andar pelo terreno acidentado, parando para cortar e limpar o mato rasteiro e então ajoelhar-se para inspecionar a raiz de cada árvore, procurando algum sinal da "cicatriz de cimento."

Já haviam inspecionado dezenas de árvores sem nenhum sucesso e estava ficando tarde. "Acho que temos de parar por hoje," disse Mário. "Podemos recomeçar amanhã."

Suados, cansados e sujos, os "caçadores de tesouro" reuniram-se e encaminharam-se para a casa. Entraram e lavaram-se.

"Não se preocupe, Dna. Clarice," disse Mário, como o porta-voz. "Nada encontramos hoje, mas ainda há uma porção de árvores a serem verificadas. Nós vamos achar aquela árvore para a senhora!"

Na manhã seguinte as crianças, cada qual munida de um giz para marcar as árvores que inspecionavam, começaram a mover-se através das árvores, como fizeram no dia anterior.

As horas passavam e mais e mais árvores eram marcadas com giz. Mário olhou para o relógio de pulso: cinco para o meio-dia. Tirando um assobio do bôlso, assoprou-o para avisar os outros.

Aquêle era o sinal para que viessem comer os sanduíches que haviam trazido. As crianças reuniram-se ràpidamente. Procurar tesouros era uma tarefa que dava fome.

Mário olhou à volta. "Onde está Juanita?" perguntou.

"Bom, eu pensei que ela..." começou Zeca. Mas naquele momento todos ficaram assustados com um grito. E vinha do lugar onde Juanita estivera investigando.

"Encontrei a árvore do tesouro!"

Todo mundo correu para a árvore, onde Juanita ajoelhava-se; sua face estava vermelha de animação. "Alí," gritou ela, "Aquela ali, tem tijolos, cimento e tudo o mais!"

Não era uma árvore alta, como a maioria das outras, mas era duas vêzes mais grossa. Mário ajoelhou-se e arrancou o mato, para ver melhor.

Sem dúvida, havia uma grande fenda no tronco da velha árvore e uma fileira de pedras acizentadas perfeitamente visível. "Juanita tem razão," gritaram.

Pulando de alegria, a turma do Pena Branca juntou-se para resolver o que iriam fazer. "Em primeiro lugar, seria bom contar à Dna. Clarice," decidiu Mário, "afinal de contas ela é a proprietária e temos que pedir-lhe permissão para fazer qualquer coisa."

"Vou buscá-la," gritou Suelí e saiu correndo em direção da casa.

Quando esta voltou trazendo Dna. Clarice, as crianças haviam limpado todos os arbustos que estavam em volta da árvore e examinavam a grande "cicatriz" do tronco.

Armando-se de martelos e talhadeiras, os garotos voltaram ao trabalho. Pouco depois já haviam cavocado cuidadosamente o tronco, para remover o cimento e os tijolos. Finalmente o buraco estava aberto.

"Bem," disse Mário, colocando sua mão dentro da cavidade, "agora vamos descobrir se esta é ou não a árvore do tesouro!" E todos ficaram na expectativa, vendo seu braço desaparecer no buraco.

Mário retirou a mão e instantanea-

mente soltaram gritos de alegria, ao verem uma bôlsa de couro cru. E algo tilintou lá dentro quando a chaqualharam.

"Legal!" gritou Zeca. "Moedas de ouro! A senhora está rica, Dna. Clarice, rica!"

"Espere!" falou Mário. "Há mais. Posso sentir!" Colocou o braço novamente no buraco e pegou alguns estranhos objetos volumosos, cuidadosamente embrulhados em camurça e finalmente uma caixa de metal.

Dna. Clarice, rindo e chorando de alegria, desembrulhou os tesouros. Eram facas, garfos e colheres, pratos, travessas e outros objetos de prata — acessórios da casa que uma vez fôra luxuosa.

Os olhos de Berto estavam na caixa metálica. "Que será que tem lá dentro? Posso abrir, Dna. Clarice?"

A velha senhora, incapaz de falar vendo aquelas coisas, que representavam a salvação de sua casa, concordou. A caixa abriu-se fàcilmente e dentro, bem embrulhados em papel oleado, havia pilhas de dinheiro!

Berto ficou desapontado. Era apenas dinheiro usado no tempo do império. Não valia nada.

"Não tem importância," disse Dna. Clarice. "As moedas de ouro e a prata são mais do que preciso. Obrigada, crianças, oh, obrigada!"

Olhando para as coisas espalhadas a seus pés, Dna. Clarice falou, "Suelí, por favor, você poderia telefonar para o chefe de polícia vir aqui? Gostaria que viesse para ver tudo isto; talvez êle pudesse levar ao banco para mim."

Quinze minutos depois o policial chegou. Olhou espantado para tôdas aquelas coisas.

"Bem," disse sorrindo, "as crianças certamente gostam de movimento. Primeiro me ajudaram a pegar o ladrão e agora isto!"

Depois voltou-se para Dna. Clarice. "Pelo que posso ver, Dna. Clarice, a senhora vai ser multimilionária. Há uma fortuna aqui. Sòmente as peças de prata já valem muito dinheiro. E quanto às moedas, sou um colecionador inveterado e por isso sei que moedas de ouro valem muito hoje em dia. Todo mundo deseja colecioná-las. Estas acham-se em muito boas condições e os colecionadores pagarão uma soma bem interessante por apenas uma delas. Estas também," disse, apontando para o papel moeda.

"Mas é dinheiro do tempo do império. Pensei que não valesse nada!"

"Isso foi antes," respondeu o policial. "Mas agora os colecionadores pagam mais de 25 mil cruzeiros por cada moeda genuína!"

As crianças ajudaram a carregar o tesouro até o carro do guarda; êle e a senhora dirigiram-se ao banco, enquanto as crianças montavam em suas bicicletas e seguiam atrás fazendo algazarra.

"Puxa, sinto-me muito bem," cantarolou Suelí. "Dna. Clarice parece tão feliz!"

"E por que não?" replicou Zeca, sentindo-se igualmente feliz. "Agora ela tem o dinheiro suficiente para conservar a casa."

Logo depois estavam no centro e passaram pelo parque. Mário deu uma olhada para a estátua que havia iniciado tôda a história. Então olhou novamente. "Hei," gritou, apontando para o índio. "O Chefe Pena Branca está sorrindo!"

Eram sòmente os raios do sol de fim de tarde batendo na estátua, mas realmente parecia que o grande índio de madeira estava mais feliz do que todo mundo com o resultado da aventura!

(cont. p. 38)

limpar a casa ou consertar alguma coisa. Se decidirem fazer êsse tipo de atividade na próxima semana, avisem a pessoa com antecedência e providenciem os materiais ou ferramentas necessários.

2. Visita a uma pessoa doente. Não esqueçam de informarem-se antes sôbre o horário de visitas, se a pessoa estiver hospitalizada, ou mesmo em casa, procurem chegar a uma hora bastante oportuna, para não atrapalharem seu repouso.

3. As pessoas que vivem sòzinhas ou mesmo os casais de idade alegram-se quando alguém os visita. Se quiserem, poderão convidá-los para sua casa, onde farão algumas brincadeiras em que todos tomem parte.

4. Existem, também, as pessoas que se sentem desencorajadas e precisam de companhia e incentivo. Visitem-nas ou convidem-nas para sua casa.

Depois de expostas as várias sugestões, escolha aquela que a família preferir. Essa atividade, apesar de fazer parte do programa Noite Familiar, não precisará ser feita no dia estabelecido, mas quando acharem mais conveniente. Para que tudo saia perfeito, eis alguns lembretes:

- Verifique se precisará convidar as pessoas com antecedência.

- Prepare refrescos, prendas e pequenos presentes.

- Se decidirem fazer visita, escolham algumas coisas sôbre o que será apropriado conversar.

- Procure fazer a família sentir-se entusiasmada com essa atividade — pois assim agindo, estarão auxiliando outras pessoas e mostrando o mesmo tipo de amor e compaixão que Jesus mostrou.

●

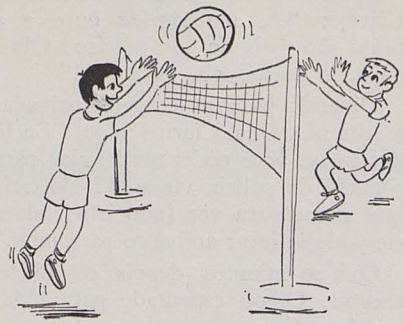
UMA AVENTURA PIEDOSA

PROGRAMA SUGERIDO

4a. semana

Hino: Quem segue ao Senhor, n.º 58.
Oração:
Atividade: Já planejada a semana passada.
Hino: à escolha.
Oração:

Como já mencionamos na lição anterior, esta atividade não precisará ser feita na noite familiar, mas no dia e horários que melhor se adaptarem ao tipo de programa que pretendem realizar. Executem-na com espírito de amor, pois a mesma ajudará a unir a família, trazendo o Espírito do Salvador ao seu lar.



Sacerdócio Aarônico

CALENDÁRIO 66

Campeonatos inter-quóruns do Sacerdócio Aarônico (Missão Brasileira)

MARÇO	19	Finais de futebol de salão
ABRIL	16	Finais de escrituras (João, I Néfi, D&C 84 e Moisés)
MAIO	14	Finais de voleibol
JUNHO		Livre
JULHO	16	Olimpíada
AGÔSTO		Livre
SETEMBRO	17	Finais de basquete
OUTUBRO	15	Finais de escrituras (Atos, II Néfi, D&C 107 e Joseph Smith c/ Regras de Fé)
NOVEMBRO	19	Finais de futebol de salão
DEZEMBRO		Livre

Êste calendário faz parte do programa do Sacerdócio Aarônico (Item V do Manual) e está sob a responsabilidade direta da presidência dos ramos e supervisão geral da presidência dos distritos.

A partir do presente mês, daremos oportunidade a que os jovens portadores do Sacerdócio Aarônico expressem seus pontos de vista em pequenos artigos. O que publicamos desta vez é de Marcos Vinícius Savam. Êsse irmão tem 19 anos, pertence ao Ramo de Vila Mariana e atualmente é missionário construtor.

EM QUE CREIO

Desde os mais remotos tempos, e mesmo desde o princípio da existência do homem, Deus colocou em nossos corações o amor pela vida eterna. Seja pobre ou rico, instruído ou não, o homem tem dentro de si um ardente desejo de viver bem e eternamente.

Muitos homens nascem e morrem procurando a vida eterna e outros nem sabem que ela existe. Desde a gênese do mundo, tornou-se incontável o número de homens que desconhece o motivo de sua própria existência neste planêta. Sou feliz porque meu Pai Celestial não permitiu que eu fôsse contado entre êsse grupo de pessoas, pois possibilitou-me descobrir e trilhar o Seu caminho.

Conheço o evangelho verdadeiro, que me dá todo o conhecimento e propósito da minha existência.

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA ABRIL

O SENHOR RESSUSCITADO CONTINUA SUA OBRA EM PROL DOS FILHOS DE DEUS

PROGRAMA SUGERIDO

1a. semana

Hino: A ressurreição de Jesus, n.º 29.
Oração:
Lição:
Objetivo: Ajudar os familiares a terem relações mais próximas com o Salvador, o que resultará em melhores ações, devido à Sua influência.
Canção: Sei que vive meu Senhor, n.º 138 (por tôda a família).
Memorização: D & C 45:44.
Hino: Já é vivo Deus o Filho, n.º 30.
Atividade: Jogar dominó.
Oração:
Lanche: Pé de moleque.

Lição:

Por meio de perguntas e respostas, faça os familiares compreenderem que a ressurreição realmente significa que Jesus levantou do túmulo. A seguinte história poderá ilustrar:

Certo homem parou em frente a uma vitrine, para observar um quadro representando a crucificação de Jesus. Enquanto olhava, percebeu que um menino parou a seu lado. Êste também olhou para o quadro e sua expressão indicou que estava profundamente comovido com a cena. Tocando no braço do menino, o homem perguntou, "Garôto, o que significa isto?" O menino, espantado, respondeu, "O senhor não sabe? Êste é Jesus e os outros são soldados romanos. A mulher que está chorando alí perto é Sua mãe. Os soldados O mataram!" O homem demorou-se a deixar a vitrine. Depois afastou-se lentamente. Dera poucos passos, quando percebeu que o menino estava novamente a seu lado. "Escute, moço," disse quase sem respiração, pois tivera de correr para alcançá-lo, "eu esqueci de falar — mas Êle ressuscitou!" (Para criar uma atmosfera espiritual, cantem o hino 138, conforme sugerido).

Peça a um dos filhos para aprender as respostas abaixo com antecedência, a fim de dirigir o questionário:

1. Quais as características físicas de Jesus depois da ressurreição?

- Seu corpo ressuscitado era real; tinha carne e ossos (Lucas 24:36-39).
- Podia comer, conforme havia feito antes da ressurreição (Lucas 24:41-43).
- Seu corpo ressuscitado tornou-Se imortal, o que significa que o teria para sempre. Seu espírito não o poderia deixar.
- O Senhor ressuscitado podia mover-Se através do espaço; podia entrar num quarto quando as janelas e portas estivessem fechadas (João 20:19).

2. Quais os efeitos da ressurreição de Jesus sôbre nós?

- Ressuscitaremos após havermos morrido.
- Nossos corpos ressuscitados serão reais: de carne e ossos.
- Nossos corpos ressuscitados serão imortais — possuí-los-emos para sempre.
- Terão poderes que os corpos mortais não possuem.

Suponha que certa família precise ir a uma cidade que não conhece. Se você ama essa família, indicará o caminho da melhor forma possível. É exatamente assim que Jesus fêz. Quando estava na terra, mostrou o caminho para que pudéssemos morar com Êle e com o Pai. Depois de certo tempo, perdeu-se a direção e o povo não pôde achá-la. Se Jesus e o Pai amassem êsse povo, o que teriam feito? Discuta. Peça a alguém para contar como o Pai e Jesus visitaram Joseph Smith, o rapaz escolhido para ser profeta. Mencione que naquele tempo o Senhor tinha um corpo ressuscitado e glorificado. Em revelações posteriores, mostraram que o caminho era o evangelho de Cristo. Aquelas revelações foram colocadas em um livro, pois o Senhor queria que Seus filhos ainda não nascidos lessem as palavras ditas a Joseph Smith.

Pergunte: Por que o evangelho deveria estar na terra atualmente? As seguintes escrituras o auxiliarão a explicar: Atos 1:9-11 (leiam juntos), D&C 34-6-7; 43:17-19,29.

Depois explique à família que o Senhor deseja que o povo viva o evangelho e prepare-se para Sua segunda vinda, pois sòmente os justos serão redimidos e viverão com Êle na terra (leia D&C 88:101).

Para que a família compreenda o amor de Jesus pelo povo de Jerusalém, leiam juntos Mateus 23:37. Certifiquem-se de que Êle pensa do mesmo modo agora, lendo D&C 43:24; explique-lhes que talvez não estejamos na terra quando Êle voltar, mas isso não terá importância, pois se tivermos vivido de acôrdo com o Evangelho restaurado, ressuscitaremos e iremos para Êle (leiam D&C 88:96-97).

Peça aos familiares para imaginarem como vão sentir-se quando o Senhor vier pela segunda vez, se estiverem preparados (D&C 45:44). Será bom que neste ponto os adultos prestem testemunho de que Êle virá, como prometeu; e sabem, que em preparação para êsse acontecimento, restaurou Sua Igreja através de Joseph Smith. Peça a um filho para ler D&C 50:45-46.

Faça as seguintes perguntas:

- Nossa família ouvirá a voz do Redentor ou seguirá o mundo?
- O que faremos a fim de nos prepararmos para Sua segunda vinda?
- Como podemos seguir Seus mandamentos, melhor do que temos feito até agora?
- Se soubéssemos que o Senhor está em nosso lar, no que isso modificaria nossas ações?
- De que forma a presença de Cristo em nosso lar nos prepara para viver com Êle quando vier reinar sôbre a terra?

Designação:

A família, durante as próximas 24 horas, agirá como se Cristo estivesse no lar. Para dar às crianças uma idéia do que isso significa, relembre recentes incidentes, nos quais tenham ficado nervosos sem motivo, ou tenham sido egoístas, maldosos, etc. Os pais também deverão ser incluídos. Você poderá mencionar certo incidente, sem dizer o nome da pessoa e depois pedir que ela própria diga qual seria a diferença se Jesus estivesse presente.

Atividade:

Sempre existe uma brincadeira que a família prefere, mas geralmente briga quando a executa. Explique-lhes como a brincadeira poderia ser diferente, se Jesus estivesse presente. Comece o jôgo com essa idéia em mente. O Senhor gostava de ser social. Êle amava as pessoas. Se os familiares começarem a implicar, pare o jôgo imediatamente e reveja Seus ensinamentos. Relembre-os de que não estão seguindo o que Cristo ensinou. Ajude-os a chegar à conclusão de que conseguirão uma atmosfera alegre enquanto estiverem sentindo que o Senhor está junto dêles.

●

JESUS NOS ENSINA A MOSTRAR COMPAIXÃO

PROGRAMA SUGERIDO

2a. semana

Hino: Semeando, n.º 91.
Oração:
Lição:
Objetivo: Inspirar cada um a mostrar bondade, da mesma forma que Jesus o fêz.
Esquete: Pelos pais.
Memorização: III Nefi 17:6.
Atividade: Jôgo da evidência.
Hino: Luz espalhai, 117.
Oração:
Lanche: Maria-mole.

Relembre aos familiares que na semana passada tiveram de agir como se Jesus fôsse um hóspede especial. Deixe que falem, por um minuto ou dois, sôbre o modo como se comportaram.

Lição:

A família estudará hoje um dos atributos que Jesus manifestou durante tôda Sua vida na terra, demonstrando grande amor e interêsse por tôdas as pessoas.

Por alguns minutos, os familiares serão detetives. Para motivar maior interêsse, faça distintivos de papel, para pregarem no peito. Diga-lhes que fornecerá uma pista para descobrirem qual o atributo de Jesus e ao mesmo tempo saberem do que trata a lição. Peça que leiam as seguintes escrituras, as quais contêm as pistas. Poderão fazer anotações, mas ninguém deverá ver o que o outro escreveu e nem trocar idéias. Terão duas pistas, que são: a) a palavra será repetida em tôdas as escrituras e b) indicará a maneira como alguém sentiu-se em relação a outra pessoa.

Eis as escrituras:

- Mateus 18:23-34 (A parábola do credor incompassivo)
- Marcos 8;1-9 (A multiplicação dos pães)
- III Néfi 17:5-9 (Visita ao povo nefita)

Depois de haverem lido, verifique se todos marcaram a palavra "compaixão" ou um bom sinônimo dela. Talvez haja divergências, mas isso será útil para os membros compreenderem que a lição é sôbre compaixão — o espírito de piedade, simpatia, irmandade, pena, bondade, etc.

Depois faça perguntas sôbre as histórias, tais como: Como o rei sentiu-se em relação ao servo? O que Jesus disse, demonstrando que sentia compaixão pelo povo? O que fêz para ajudá-lo?

O que a palavra "compaixão", tantas vêzes repetida nesta lição, significa? Deixe-os discutir. Depois leia a definição de um dicionário. Refira-se novamente às escrituras lidas, para ver se a ação das pessoas se enquadra com a definição da palavra.

Durante todos os dias de Sua vida terrena, Jesus mostrou compaixão pelas pessoas que tinham necessidade. Não importava qual fôsse essa necessidade, ajudava a tôdas porque as amava e sentia compaixão por elas.

Os familiares poderão ser detetives novamente. A designação será a de seguir Jesus durante Suas últimas horas de vida. A família se unirá à multidão que observava Jesus mover-Se lentamente pela estreita rua, encurvado ao pêso da cruz, que outro homem teve de ajudar a carregar durante parte do caminho. Os soldados levaram-nO ao lugar onde crucificavam os criminosos e alí pregaram-nO na cruz. Na mesma ocasião crucificaram dois ladrões. Entre a multidão, alguns lamentavam, outros riam, dizendo, "você salvou os outros, agora salve-se também." Jesus olhou para êles e disse, "Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem." Um dos ladrões, apesar de crucificado, zombou de Jesus. O outro disse que merecera a punição, mas sabia que Jesus era inocente; pediu a Jesus que lembrasse dêle quando fôsse para o Seu Reino. E Jesus respondeu-lhe, "Hoje estarás comigo no paraíso." Depois viu Sua mãe e João. À mãe disse, "Eis aí teu filho." A João disse, "Eis aí tua mãe." Pouco depois falou, "Está consumado," e morreu.

A família deverá falar de suas observações; deverão mencionar os seguintes incidentes:

- Jesus pediu ao Pai para perdoar os que O crucificavam, porque realmente não sabiam o que faziam.
- Falou bondosamente com o ladrão.
- Não esqueceu o bem-estar de Sua mãe e instruiu João para tomar conta dela.

Ajude os familiares a sentir a magnitude do amor de Jesus, relembrando alguma ocasião em que estavam sentindo dor física. Pergunte: Naquela ocasião conseguiam lembrar-se dos outros? Ressalte o fato de que Jesus, apesar do Seu sofrimento, foi capaz de sentir compaixão pelos outros, porque amava a todos profundamente.

Mostre a semente de um vegetal, fruto ou flor. Depois, se possível, mostre o que foi produzido com aquela semente; explique que quanto mais tempo a semente permanece no pacote ou em nossas mãos, mais demorará para brotar. Da mesma forma que a semente necessita de cuidados, assim acontece com a compaixão. O Pai plantou a semente da compaixão dentro de nós, mas se não a cuidarmos, não crescerá. A forma de nutrí-la é notar que outras pessoas estão em necessidade e procurarmos ajudá-las. Algumas vêzes, essa necessidade não é percebida fàcilmente, outras vêzes sim. O melhor lugar para começarmos a cultivar nossa semente é no lar e quanto mais depressa começamos, melhor será.

Designação:

Durante a semana, os familiares serão detetives, procurando ajudar os membros de família que estão em dificuldades. Eis algumas pistas:

- a pessoa que é irritável.
- a pessoa que é geralmente ativa e de repente torna-se quieta.
- a pessoa que se recusa a comer, dizendo não ter fome.
- a pessoa que não consegue dormir.

Não deverão comentar quando ajudarem os outros; a pessoa que recebeu ajuda deverá anotar, contando quantas vêzes foi ajudada. Esta designação é para tôda a família. Muitas vêzes os pais precisam nutrir a semente da compaixão tanto quanto as crianças.

Atividade:

Para que a família acostume-se a achar pistas, poderá brincar o "Jôgo da evidência." Todos deverão olhar cuidadosamente os detalhes do aposento em que estão; depois um será escolhido para sair por alguns minutos, enquanto isso, alguém mudará um vaso, uma cadeira, etc., e então dirá à pessoa que saiu para descobrir o que foi modificado. O jôgo poderá ser repetido tantas vêzes quantas desejarem.

COMO PLANEJAR UMA AVENTURA PIEDOSA

PROGRAMA SUGERIDO
8a. semana
Hino: Faze o bem, n.º 80.
Oração:
Lição:
Objetivo: dar oportunidade aos familiares de mostrarem bondade por alguém.
Poesia: pela mãe, sôbre libertação dos escravos, descobrimento do Brasil, etc
Memorização: Mateus 11:28-29.
Atividade: Volta ao quarteirão.
Hino: Fiz hoje algum bem, n.º 72.
Oração:
Lanche: Pizza.

Nesta lição, a família planejará a prática de um ato de piedade. Conforme forem fazendo planos, pensem de que modo Jesus agiria. Se quiserem agir da mesma forma que Êle, deixem a compreensão e a imaginação entrarem em seus planos. Assim, a lição poderá transformar-se numa aventura para tôda a família.

Encoraje os membros a falarem livremente sôbre a designação da semana passada; deverão referir-se à ajuda que receberem e de que forma esta os auxiliou.

Com o mesmo espírito da semana anterior, verificaremos hoje a necessidade de outras pessoas. Faremos planos para ajudá-las e executa-los-emos na próxima semana. Discuta:

- Jesus limitou Sua compaixão a algum grupo ou tipo de indivíduos?
- Se desejamos praticar um ato de bondade com o mesmo espírito que Jesus mostraria, de que forma devemos agir?

Certas pessoas sempre encontram ocasião de ajudar, enquanto que outras, apesar de mostrarem boa vontade, não conseguem achar tempo (geralmente encontramos tempo quando realmente o desejamos. Se nos interessamos o suficiente pelos problemas dos outros, acharemos tempo e ocasião de ajudá-los.)

Entretanto, não devemos nos esquecer de que os atos de bondade nunca deverão ser grandiosos ou dramáticos. Certa senhora que tinha diversos filhos pequenos, nunca achava tempo para visitar a vizinha, que era doente. Gostaria de ir quando conseguisse levar-lhe alguns alimentos e pudesse ficar por bastante tempo. Mas como não achou tempo, não fêz a visita e a senhora doente não soube que alguém preocupava-se com ela.

Discuta: Se essa senhora soubesse que os atos de bondade não devem ser dramáticos, como teria agido? (telefonaria, mandaria um ramo de flôres do seu jardim, etc., e assim já teria ajudado a vizinha. Muitas vêzes os pequenos atos significam mais do que palavras e gestos grandiosos e devem ser executados com espírito e amor.)

Sugestões para sua atividade:

1. As pessoas fisicamente incapazes geralmente sentem-se felizes quando alguém oferece-se para ajudá-las a

(cont. p. 35)

ARTIGO DE CAPA

Nas frias noites do inverno europeu, exilado e infeliz, sentindo esvair-se-lhe a vida aos poucos numa paisagem lúgubre de árvores desfolhadas bracejando galhos retorcidos para o céu cinzento, um jovem poeta chorava a saudade da Pátria, em versos que todo brasileiro guarda com carinho no coração: "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá."

Há indiscutível beleza na branca paisagem de neve dos invernos do hemisfério norte. Maravilhas naturais que não podemos ignorar, abundam em outras partes do mundo e certamente o poeta possuía sensibilidade para perceber o belo onde quer que êle se apresentasse; mas a terra natal, aquêle recanto do mundo onde vimos a luz da vida, tem para nós um significado todo particular.

Minha terra é diferente de tôdas as demais, haveria de pensar o jovem poeta agonizante. Minha terra tem palmeiras...

Não foi, certamente, o acaso que nos fêz brasileiros. Não nascemos aqui pelo cego impulso de uma casualidade. Se Deus nos trouxe ao mundo neste rincão particular, é porque sabia que algo de bom poderíamos fazer aqui, como filhos desta Pátria, que em outro lugar qualquer nos seria negado realizar.

O patriotismo não é, assim, um sentimento egoístico como entendem muitos, capaz de nos fazer cegos para os valôres existentes em outra parte qualquer, mas é o reconhecimento de que devemos amar a terra em que nascemos, "não porque seja bela, nem porque seja rica, mas porque é nossa."

Que nos importa a nós, se os rouxinóis enfeitam a beleza das noites européias com os seus cantos? Em que nos afeta a empolgante beleza das neves eternas nos cumes das mais altas montanhas do mundo, no coração da Ásia? Que significado especial tem para nós o orgulhoso urro das feras nas cálidas noites africanas? Minha terra não conhece, é certo, muitos dos portentos de outras paragens: o sol-da-meia-noite, os vulcões violentos, os ardentes desertos de areia, ou o uivar arrepiante dos lôbos nas estepes. Minha terra é diferente. Talvez não seja nem melhor nem pior que as outras. Apenas diferente: minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá.

Aprouve ao Eterno fazer-nos nascer brasileiros, dentro de Seu plano perfeito. Não invejemos a riqueza das terras alheias, nem as maravilhas que o Senhor colocou em outras partes do mundo. Repitamos como o poeta inspirado, cantando nossa terra amável e acolhedora: "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá..." e se alguma vez tivermos de nos ausentar por circunstâncias que a vida cria, oremos com as palavras do vate inimitável: "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

Pres. Hélio da Rocha Camargo

Quem mais vai à California com apenas uma escala?

Ninguém.

A Pan Am é de longe o seu mais conveniente meio de viajar. Embarque no Rio. Escale no Panamá. Próxima parada: Los Angeles! E, de lá, direto a San Francisco.

Com apenas uma escala você vai a Miami: Pela Pan Am. E sem escalas, a Nova York. (Existem vôos especiais do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, que fazem conexões imediatas com êstes vôos). Onde quer que você vá com a Pan American você recebe especial consideração: a mais calorosa acolhida, a atenciosa cortesia e a soberba cozinha internacional da Pan Am. E ainda mais importante: você terá a satisfação de saber que escolheu a melhor: A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo. Reservas para todo o mundo, procure seu Agente de Viagens ou a Pan Am. Temos escritórios no Rio, São Paulo, Brasília, Belém, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Recife, Campinas, Pôrto Alegre.

PAN AM

A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao Redor do Mundo.